

C 70/141
X 1427082
05/02/2001
2001

Universidade Federal do Ceará
Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem – FFOE.
Departamento de Enfermagem-Programa de Pós-Graduação-
Mestrado

**CÍRCULO DE CULTURA EM SAÚDE: DESCOBERTAS
E MUDANÇAS ENTRE AS MULHERES NA FAMÍLIA E
NA COMUNIDADE**

Monica Maria Vieira Cavalcante

TESE
368.1
C361v
5001
01

FORTALEZA - 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

CÍRCULO DE CULTURA EM SAÚDE: DESCOBERTAS E
MUDANÇAS ENTRE AS MULHERES NA FAMÍLIA E NA
COMUNIDADE

Dissertação a ser apresentada ao curso de Pós-Graduação em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestra em Enfermagem.

Data da Aprovação: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Zulene Maria de Vasconcelos Varela
(Orientadora)

Profa. Dra. Yolanda Flores e Silva

Profa. Dra. Maria Graziela Teixeira Barroso

DEDICATÓRIA

A Deus, luz do meu caminho, princípio de tudo.

À minha idolatrada mãe pela incansável luta de nos tornar(filhos) pessoas fortes e vencedores(as).

Ao meu marido e à minha filhinha, pelas horas que passei longe deles dedicada à dissertação.

A Dra., mestra, amiga, mãe Zulene pela paciência e amor que a mim dedicou durante todos esses anos de convivência.

AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres que fazem parte do GEMAB(Grupo Especial de Mulheres de Antonio Bezerra) que transformaram minhas terças-feiras em manhãs prazerosas.

A todos que trabalham na UBASF- Meton de Alencar e que de certa forma me ajudaram a concluir o mestrado. Em especial minhas amigas: Kilma, Neide, Andréa e Daniele.

“Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1- O PSF E O CONTEXTO QUE ORIGINOU OS CÍRCULOS DE CULTURA EM SAÚDE	
Contextualizando e delimitando o problema objeto do estudo	9
2- REVISÃO DE LITERATURA	
2.1-Justificativa da opção por temas e autores	12
2.2- Família gênese de problemas, solução de conflitos ou suporte na promoção da sexualidade de vida das mulheres?	
Evolução ou decadência?	13
Condições de vida e saúde da mulher-Repercussão na família	17
Sexualidade e gênero	20
3- MOTIVAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E O TRABALHO COM MULHERES EM SAÚDE: PROCEDIMENTOS TEÓRICO METODOLÓGICO E CONCEITOS BÁSICOS	
3.1- O método de Paulo Freire–O Círculo de Cultura	24
3.2- A pessoa humana e as relações interpessoais segundo Yves Saint- Arnauld	25
3.3-Aspectos Metodológicos	31
3.4- Procedimentos e Critérios para mobilização e motivação das mulheres- I Encontro de Mulheres da UBASF-Meton de Alencar: Cuidando de quem cuida	33
4- A CAMINHADA: PERFIL E ESTADO DE SAÚDE DAS MULHERES INVESTIGADAS	
4.1- O primeiro encontro com o grupo de mulheres- Ainda a motivação	35
4.2- Promovendo saúde através do trabalho com o corpo e a mente.Os primeiros exercícios-O desvelamento do universo vocabular-	38
4.3- Utilizando as fichas de cultura	
Discutindo sobre o tema diálogo	43
Conversando sobre cultura em um passeio por fortaleza	45
Liberdade x não-liberdade	50
Discutindo sobre sexualidade	51

4.4- Rituais em grupo	54
A Festa junina	55
A Festa das crianças	56
A Festa de Natal	57
O Despertar da solidariedade humana- A ajuda do grupo a moradores da comunidade	59

5- DEPOIMENTOS E ANÁLISE REFLEXIVA DOS RESULTADOS	61
--	----

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	69
--	----

BIBLIOGRAFIA	72
---------------------	----

ANEXOS

Anexo 1	76
Anexo 2	77
Anexo 3	80
Anexo 4	81
Anexo 5	82
Anexo 6	83
Anexo 7	84
Anexo 8	85
Anexo 9	86
Anexo 10	87
Anexo 11	88
Anexo 12	89
Anexo 13	90

1- O PSF E O CONTEXTO QUE ORIGINOU OS CÍRCULOS DE CULTURA EM SAÚDE.

CONTEXTUALIZANDO E DELIMITANDO O PROBLEMA OBJETO DE ESTUDO

O município de Fortaleza ocupa uma área de 336 Km². De acordo com o censo de 1991 sua população era de 1.768.673 habitantes. Estima-se hoje em 2.024.141, um crescimento de 14% aproximadamente. Dentro deste universo existem grupos populacionais que estão mais expostos a riscos diversos. Os chamados grupos de riscos, comunidades estas que receberam as primeiras 32 equipes do PSF (Programa Saúde da Família), em fevereiro de 1998. Atualmente Fortaleza possui 100 equipes, abrangendo 100.000 famílias em média. As equipes são formadas por 01 médico(a), 01 enfermeiro(a), 01 auxiliar de enfermagem e de 04 a 06 agentes de saúde que trabalham em regime de dedicação exclusiva e são responsáveis pela cobertura de uma área de aproximadamente 800 a 1000 famílias. As equipes atuam nas Unidades Básicas de Saúde da Família (UBASF), os atendimentos são baseados principalmente na promoção à saúde e prevenção das doenças, incluído-se entre a clientela atendida hipertensos, diabéticos, gestantes, mulheres em planejamento familiar e prevenção de câncer de colo uterino, tuberculose, hanseníase, desenvolvendo simultaneamente atividades de visita domiciliar, internação domiciliar e participação em grupos comunitários. Tem como objetivo principal, melhorar o estado de saúde da população, através do atendimento à família e à comunidade. Promove a família como núcleo básico da abordagem no atendimento à saúde da população e proporciona o estabelecimento de parcerias com o desenvolvimento de ações intersectoriais. (22, 23, 24, 25).

Dentre as comunidades consideradas de risco estão os bairros de Antônio Bezerra e Quintino Cunha que foram divididos em micro-áreas, as quais foram subdivididas entre seis equipes, perfazendo um total de 6000 famílias cadastradas no Programa. As áreas divergem um pouco entre si, em relação ao nível sócio-econômico, mas a grande maioria é formada por famílias carentes. Algumas dessas comunidades beneficiadas pelo Programa são:

Favela dos Plásticos, Favela do Bubú, Baixa dos Milagres, Favela do Viaduto, Buraco da Jia, Favela do Sossego, dentre outras.

Faço parte da equipe III, que cobre uma população de aproximadamente 1250 famílias no bairro de Antônio Bezerra. Os limites dessa área são quatro ruas principais, uma delas uma rodovia federal que se transformou em um grande problema para moradores do bairro, pois ali é palco de um grande fluxo de carro. Os atropelamentos nessa avenida são constantes. Para que os moradores dessa comunidade tenham acesso a UBASF, é necessário atravessar essa barreira.

As ruas são pavimentadas, mas saneamento inexistente, correndo por entre as casas à água suja vinda das moradias, tornando-se um importante veículo de transmissão de várias doenças, principalmente para as crianças que por ali brincam e desconhecem o perigo.

A grande parte da população é formada por adultos jovens e por crianças, os idosos são minoria. O desemprego e o alcoolismo são detectados no momento das visitas domiciliares (realizadas no período diurno) feitas pela equipe da qual faço parte, existindo na própria comunidade certas ruas tidas como pontos de encontro em que um grupo reúne-se diariamente no período da manhã para tomarem cachaça. A renda varia entre 0- 3 salários mínimos, estando a maior parte dos que possuem algum tipo de renda no mercado informal. A maioria dos que saem para trabalhar são homens. A mulher na maioria das vezes fica incumbida da criação dos filhos (que são em média de quatro por família) e dos afazeres domésticos não executando nenhum tipo de trabalho remunerado, principalmente devido ao fato de não terem com quem deixar os filhos. Atividades de lazer inexistem na área e nas proximidades.

Pude perceber durante estes dois anos de convivência com a mesma comunidade, que os conflitos, as angústias vivenciadas e sentimentos íntimos relatados pelas mulheres da comunidade assemelham-se e relacionam-se principalmente a problemas fruto de uma realidade desigual e de uma cultura de gênero que impõe um fardo às mulheres, identificando-as como seres humanos socialmente inferiores aos homens e a eles subordinados.

Durante as consultas de enfermagem cobram-me respostas para assuntos pessoais e familiares delicados e complexos que

constituem desafios, pois sei o quanto essas indagações influem no bem-estar das mesmas e muitas vezes em sua saúde mental. Questões sobre a sexualidade são as mais abordadas durante estas consultas.

A culpa, talvez seja o sentimento mais aparente o que se pode perceber através de suas palavras e de seus semblantes: culpam-se por não poderem dar uma vida “digna” para os filhos. Culpam-se também pelas relações extraconjugais do marido, e ainda se culpam por não mais sentirem “vontade de deitar-se” com eles, que chegam com bafo de bebida e as “obrigam” a “fazerem” sob a rede “da meninada”, pois que a grande maioria habita em moradias de um único cômodo, dormindo todos, em um mesmo local. Neste ambiente, na maioria das vezes, a mulher tem que fazer sexo e “pastorar¹” as crianças para ver se elas não estão “brechando”². Chamo mais esta culpa assumida pela mulher de “Culpa Noturna”. O que mais chamou minha atenção foi porque essas queixas não foram relatadas por uma única mulher, mas na maioria dos depoimentos. Através de uma pré-compreensão atingida após todo esse tempo de convivência, considero que essas mulheres possuem uma “consciência ingênua”, apropriando-me da expressão de Paulo Freire, caracterizada principalmente pela ilusão quanto às causas que originam o chamado “destino de mulher” ou as questões de gênero que determinam esse destino.

Considerando esta realidade surgiu então a idéia de formar um grupo de mulheres adotando a estratégia do Círculo de Cultura como o método mais eficaz para trabalhar com este grupo. O objetivo foi testar o Círculo de Cultura e ainda:

- Promover a saúde mental do Grupo de mulheres, através da relação heurística (compreender) entre os membros.
- Expandir o campo perceptual das mulheres, em processo de grupo para a atualização de seu potencial humano.
- Favorecer a relação calorosa intragrupo e na família.
- Favorecer a relação solidária entre os participantes, e entre estes e suas famílias.

¹ Observar..

² Olhar através de uma fenda ou abertura(sorrateiramente)

2- REVISÃO DE LITERATURA

JUSTIFICATIVA DA OPÇÃO POR TEMAS E AUTORES

A revisão de literatura centrou-se em temas tais como a natureza humana, as relações interpessoais, sexualidade e gênero, tópicos sobre as condições de vida e saúde da mulher nestes últimos tempos e a importância da família no repasse e vivência de valores para os futuros cidadãos, a partir da leitura de Foucault, Giddens, Baddinter, dentre outros (as). Paulo Freire e Yves Saint-Arnauld serão descritos em outro capítulo.

FOUCAULT em seu livro *A História da Sexualidade I* forneceu-me subsídios para situar a sexualidade no tempo e no espaço e construir juntamente com o grupo de mulheres o seu conceito a partir dos dados que colherei durante o contato com as mulheres da pesquisa. Concordo com GIDDENS (1993) quando este se coloca em relação a essa obra de Foucault expressando que apesar de reconhecer a magnitude da obra e do autor, critica a neutralidade do mesmo frente a conexão da sexualidade com o amor romântico e com as questões de gênero, sobre o qual minha pesquisa se debruçará.

Com relação às questões de gênero tratei da trajetória histórica percorrida por ambos os sexos que influenciaram e ainda se perpetuam numa construção desigual de gêneros, que transforma diferenças biológicas em diferenças sociais, tendo no núcleo familiar um local propício tanto para o repasse e manutenção dessas desigualdades como possibilidade de mudança de comportamento.

A pessoa humana de Yves Saint-Arnauld forneceu-me as categorias indicativas de pessoa em processo de atualização do potencial humano e em processo defensivo; fornecendo, também, instrumental para desenvolver com as mulheres da amostra a relação heurística que nos ajudou, pesquisadora e grupo, na transformação da *energia organísmica* em comportamento que nos conduzirá à *atualização* de nosso potencial humano como sujeitos de ação.

Os conceitos de cultura, consciência e participação advieram principalmente das obras de Paulo Freire. Neste autor encontrei as

estratégias de trabalho com grupos humanos na construção da consciência de ser saudável- *O Círculo de Cultura*.

2.1- FAMÍLIA: GÊNESE DE PROBLEMAS, SOLUÇÃO DE CONFLITOS OU SUPORTE NA PROMOÇÃO DA SEXUALIDADE DE VIDA DA MULHER?

EVOLUÇÃO OU DECADÊNCIA?

O surgimento da família é tido como natural e espontâneo, e existe pelo fato de existirem pessoas. Podemos conceituá-la de diferentes maneiras. Segundo AURÉLIO (11, 1989: 289) “pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos”. PEREZ & ALMONTE possuem um conceito mais abrangente “... é um grupo social, primário e natural, constituído por membros de distintas idades e sexos, que ocupam um *habitat* comum, tem a mesma origem e um destino compartilhado”.(27, 1983:59).

Para LECLERQ(19, 1972) a união de uma mulher a um homem é a forma mais rica que existe de aliança, e gira em torno de duas razões essenciais: a felicidade dos parceiros e a perpetuação do casal nos filhos. Por causa deste tipo de juízo é cobrada de muitas mulheres, mesmo nos dias atuais, a idéia da felicidade apenas no casamento.

A família representa para seus membros o local seguro, é nela que eles encontram o alívio para as tensões provenientes da luta pela sobrevivência, é ainda considerada como uma instituição onde há troca de calor humano trazendo consigo suas regras com fins econômicos. Segue-se o modelo onde o homem é o responsável pelo sustento familiar, tendo que trabalhar para pôr dinheiro em casa, a mulher por sua vez fica incumbida da criação dos filhos e dos afazeres domésticos. Essa unidade residencial econômica tem uma organização baseada nas relações conjugais (eixo horizontal), e na relação mãe- filho (eixo- vertical), e é centrada no poder da “figura mãe”. A parceria entre os cônjuges é fundamentada na troca, a mulher oferecendo serviços sexuais e o homem dando em troca uma renda. Se este retorno é julgado insatisfatório, é desfeita a parceria (32, 1986).

estratégias de trabalho com grupos humanos na construção da consciência de ser saudável- *O Círculo de Cultura*.

2.1- FAMÍLIA: GÊNESE DE PROBLEMAS, SOLUÇÃO DE CONFLITOS OU SUPORTE NA PROMOÇÃO DA SEXUALIDADE DE VIDA DA MULHER?

EVOLUÇÃO OU DECADÊNCIA?

O surgimento da família é tido como natural e espontâneo, e existe pelo fato de existirem pessoas. Podemos conceituá-la de diferentes maneiras. Segundo AURÉLIO (11, 1989: 289) “pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos”. PEREZ & ALMONTE possuem um conceito mais abrangente “... é um grupo social, primário e natural, constituído por membros de distintas idades e sexos, que ocupam um *habitat* comum, tem a mesma origem e um destino compartilhado”.(27, 1983:59).

Para LECLERQ(19, 1972) a união de uma mulher a um homem é a forma mais rica que existe de aliança, e gira em torno de duas razões essenciais: a felicidade dos parceiros e a perpetuação do casal nos filhos. Por causa deste tipo de juízo é cobrada de muitas mulheres, mesmo nos dias atuais, a idéia da felicidade apenas no casamento.

A família representa para seus membros o local seguro, é nela que eles encontram o alívio para as tensões provenientes da luta pela sobrevivência, é ainda considerada como uma instituição onde há troca de calor humano trazendo consigo suas regras com fins econômicos. Segue-se o modelo onde o homem é o responsável pelo sustento familiar, tendo que trabalhar para pôr dinheiro em casa, a mulher por sua vez fica incumbida da criação dos filhos e dos afazeres domésticos. Essa unidade residencial econômica tem uma organização baseada nas relações conjugais (eixo horizontal), e na relação mãe- filho (eixo- vertical), e é centrada no poder da “figura mãe”. A parceria entre os cônjuges é fundamentada na troca, a mulher oferecendo serviços sexuais e o homem dando em troca uma renda. Se este retorno é julgado insatisfatório, é desfeita a parceria (32, 1986).

A perpetuação do casal através dos filhos é uma das principais funções da família, concebidas principalmente pelas instituições religiosas cristãs, pois a reprodução tem um papel primordial tanto em relação à perpetuação das espécies como do sistema cultural, que representa uma forma de agir coletivamente, com regras que definem a maneira de agir do masculino e do feminino, singularmente falando ou na forma de casal. O matrimônio surge como a forma de regulamentar e oficializar a união e de estabelecer a linha imaginária entre o lícito e o ilícito, o puro e o impuro. Instituída também pela igreja e pelo estado para regularizar as heranças.

Não estamos falando de uma entidade estática em que seus valores permanecem intocáveis, pelo contrário, sofre influência do meio na qual está inserida. Todas as grandes mudanças que ocorreram na sociedade tiveram seu reflexo também na esfera familiar, mudando assim através dos tempos, o conceito e a sua estrutura. Atualmente a sociedade, em especial a brasileira, vem sendo modificada em relação ao chamado “chefe de família”, pois principalmente na classe média as mulheres ocupam o lugar de provedora do sustento familiar. Em nossos dias o número de famílias chefiadas por mulheres é visivelmente alto, principalmente nas camadas mais empobrecidas, é o que chamam de “feminilização da miséria”. Causado principalmente devido ao fato que na maioria das vezes em que o casal se separa, a guarda dos filhos é facultada a mãe, dificultando assim a manutenção ou aquisição de um emprego (filhos pequenos), e posterior sustento familiar. (30, 1995)

O poder do macho, durante quase toda a Antigüidade manteve-se intocado, atenuado em algumas sociedades e acentuados em outras. Depois das palavras de Jesus Cristo que pregaram o companheirismo e a igualdade entre marido e mulher, conseqüentemente pôs fim ao poder exorbitante do homem sobre a mulher e o filho, só que isso aconteceu apenas numa pequena percentagem de famílias das classes mais favorecidas economicamente, pois para as outras o discurso foi traído e dado uma nova conotação de autoridade. Essas comunidades basearam-se em três discursos para manterem a autoridade paterna como absoluta e imutável foram eles: o de Aristóteles, que se baseia nas diferenças biológicas para justificar ser a autoridade natural, o da

teologia, que maximiza textos bíblicos, para reforçar e justificar a malignidade e inferioridade feminina e por último o absolutismo político que enaltece a autoridade paterna como forma de também enaltecer a autoridade política soberana.(3, 1985)

Na época da selvageria, a família era basicamente matriarcal, poligâmica e concedia à mulher uma grande importância e posição respeitada. Ela exercia atividades essenciais na manutenção, reprodução e sobrevivência dos familiares. Com a evolução dos tempos, transita-se da economia de subsistência para a domesticação de animais e criação de gado, o homem então passa a acumular riquezas. Juntamente com o poder econômico, passa também a exercer dentro do lar, o poder absoluto, reduzindo a mulher a sua escrava e objeto de reprodução e criação dos filhos.(21, 1993)

Na Idade Média, a sociedade da época destinava valor inestimável ao casamento, mas por outro lado compartilhavam com o homem na manutenção da vida conjugal fora do sagrado lar. Sorte diferente era oferecida a mulher que obrigatoriamente tinha que se casar “pura” e permanecer fiel ao marido até o resto de sua vida. A igreja cristã admite o casamento com o único e real propósito da procriação. Ter prazer é transgredir as leis impostas pelo poder sagrado.(7, 1989)

Com a explosão da Revolução Industrial, o poder paterno declinou um pouco, principalmente devido à mudança do foco de produção, pois as mulheres passaram a exercer atividades longe do lar, e dos familiares. A unidade familiar foi influenciada negativamente, primeiramente porque passou a valorizar o indivíduo pela renda que possuía, isto fez com que pais de família adentrassem no campo de trabalho em uma busca desenfreada por dinheiro, fazendo com que a ausência do mesmo fosse uma constante na criação dos filhos. Fez também com que os baixos salários pagos a estes homens, levassem à mulher a inserir-se no mercado de trabalho, desempenhando muitas vezes o principal papel na sobrevivência dos filhos e ainda relegando o cuidado destes a terceiros. Mesmo quando é remunerada, a força de trabalho feminina é minimizada. (16, 1993)

Essa transformação do sujeito em cidadãos metropolitanos não se deu sem resistência no Brasil, mas foi em vão devido à grande força oposta. A prosperidade das elites e o crescimento do

estado dependiam da higienização das famílias possuindo como características principais à secularização dos costumes, racionalização das condutas, funcionalidade nas relações pessoais, maior esfriamento das relações afetivas interpessoais e o mais importante a convicção de que o Estado era mais importante que o grupo familiar. A ordem médica passa então a produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição do Estado, das cidades e da Pátria.(9, 1989)

Atualmente a família brasileira encontra-se em acelerado processo de empobrecimento, devido principalmente aos constantes ajustes econômicos que sobre nós abateram-se na última década provocando uma forte recessão e alto processo inflacionário. Todos esses fatores concorreram para a defasagem da estrutura econômica familiar, ocasionando uma profunda alteração em sua estrutura e suas relações.(5, 1999)

ACKERMAN(1, 1986) preconiza quatro níveis possíveis através dos quais a família lida com seus problemas:

- “1- A família enfrenta, define precisamente e alcança uma solução realística para seus problemas.
- 2-Embora incapaz de alcançar uma solução realística a família pode, não obstante, conter o problema e controlar os efeitos potencialmente nocivos, enquanto dá um tempo para si mesma a fim de encontrar uma solução.
- 3-Incapaz de encontrar uma solução efetiva ou de conter os efeitos destrutivos do conflito, a família responde à tensão do fracasso com um padrão “*acting out*” de comportamento impulsivo, inadequado, autodestrutivo, prejudicial. Algumas vezes a família, como um grupo, procura um bode expiatório, dentro ou fora da família. Nessa condição a família, como família não pode mais manter suas defesas.
- 4-Com falha persistente nos três níveis anteriores, a família mostra crescentes sinais de desintegração emocional, que em algumas circunstâncias podem culminar na desorganização dos vínculos familiares.”

Com todas essas mudanças, poder e problemas que o grupo família enfrenta e exerce sobre seus membros surge assim a

necessidade de se ter a família como objeto da assistência de enfermagem. De acordo com ELSEN(10, 1999) a enfermagem durante muito tempo esteve com a sua prática intimamente ligada ao modelo biomédico, voltado para o indivíduo na forma de uma assistência curativa onde o processo saúde-doença é tratado de forma isolada. Mas a crescente preocupação com a necessidade de instituir e subsidiar mudanças em sua prática assistencial fez com que a enfermagem atual percebesse que muito mais que curar, assistir é cuidar. Percebeu também que o processo saúde-doença é resultante da interação de vários fatores entre eles o contexto cultural, social e histórico.

A velocidade com que a sociedade moderna está transformando-se, não propicia ao indivíduo ou famílias tempo para se adaptarem. A necessidade de se ter dinheiro para sobreviver ou ao menos para levar uma vida digna, separa do convívio pais e filhos, repassando a responsabilidade da criação para outros adultos, ou até mesmo outras crianças. A evolução tecnológica, as demandas de mercado estimulando o consumismo, a propaganda valorizando o ter e o prazer sexual cria novo estilo de vida e acentuam os problemas que hoje caracterizam a sociedade moderna: violência, drogadição, atividade sexual precoce, entre outros.(33, 1998)

“... a ação da família, como grupo de convivência, é marcada por uma dinâmica intensa, que demanda de seus integrantes um constante exercício de repensar o presente e o futuro, o que os leva a reorganizarem continuamente suas estratégias.”(6, 1999)

CONDIÇÕES DE VIDA E SAÚDE DA MULHER - REPERCUSSÃO NA FAMÍLIA-

Fazendo um retrospecto das últimas décadas, nós mulheres estamos vivendo quase o dobro que nossas avós. No início do século a média de vida feminina era de 34 anos, hoje nos países subdesenvolvidos a expectativa de vida é de 65 anos e nos países

desenvolvidos atinge-se em média os 71 anos. Mas esse progresso deve-se a diversos fatores como as descobertas científicas que proporcionaram avanços fantásticos com o tratamento de doenças que antes eram tidas como “sem cura”. (28,1999) Profissionalmente estamos conquistando espaços que antes eram de exclusividade do homem, mas ainda falta muito para falarmos em igualdade de gênero, ou melhor, oportunidades iguais para ambos os sexos.

Na Grécia Antiga ser mulher era o antônimo de ser livre. Ela ocupava a mesma posição dos escravos e tinha como únicas funções a de reproduzir e criar os filhos e ainda zelar pelo bem-estar do marido. A civilização Romana não diferia muito quanto ao tratamento dado às mulheres. Não tinham direito sequer a utilizar os transportes públicos, aliás, o termo público durante muito tempo referiu-se apenas a uma parte da população, ou seja, a classe masculina livre. A profissionalização foi concedida na Idade Média às mulheres, mas quando ainda não eram considerados como valores que merecessem atenção e poder, quando isso passou a acontecer, foram então novamente excluídas e devolvidas ao espaço privado.(2, 1985)

No Brasil, o desenvolvimento da vida urbana através da industrialização dos grandes centros, fez com que houvesse uma diminuição na dependência da mulher ao marido, causado principalmente pelo incentivo a prática de atividades extradomiciliares. A vida urbana proporcionou uma maior influência dos meios de comunicação, e maiores condições para a tomada de consciência sobre seus direitos, fazendo com que elas lutassem para que estes fossem garantidos. O direito ao voto assegurado pela Constituição de 1934, tornou-se um importante passo para o pleno exercício da cidadania pela mulher. (21, 1993)

Desde meados dos anos 40, um grande número de mulheres vem ingressando no mercado de trabalho, mas mesmo assim as desigualdades impulsionadas pela cultura sexista são notórias: a remuneração das mulheres é inferior a dos homens, ascensão profissional e o acesso a postos de trabalho mais bem remunerados são discriminatórios, os vínculos empregatícios são mais frágeis, além da necessidade de requisitos para ocupar cargos como uma maior formação e grau de instrução. Deixa-se a desejar um suporte social adequado que favoreça a sua saúde.(8 ,

1999). Mas mesmo com essas disparidades, o trabalho feminino contribuiu para um redimensionamento da vida familiar, seja economicamente falando ou mesmo na redistribuição de papéis domésticos entre esposa e marido, cabendo a este a divisão de atividades que antes eram relegadas a ela apenas.

Além do trabalho fora do lar, a mulher ainda é incumbida da “criação” dos filhos, das tarefas domésticas e cuidados relacionados ao marido, ocasionando uma tripla jornada de trabalho com a conseqüente sobrecarga física e mental levando ao *stress* crônico. As tarefas domésticas não são reconhecidas, pelo contrário, são minimizadas e tidas como atividades que não exigem esforço físico nem tão pouco mental. (35, 1987)

Durante muitos anos a mulher esteve totalmente subjugada ao poderio masculino. A Revolução Francesa, com o seu marcante tema de igualdade para todos, pôs então em dúvida essa subordinação como natural e inalterável. Aconteceu que, enquanto os homens atuavam nas frentes de batalha, o setor econômico, a indústria, convocava as mulheres e até mesmo as crianças para também servir a pátria, na confecção de armamento e de outros produtos. Essa abertura na vida da mulher favoreceu a transformação e a independência econômica, tornaram-se conscientes de seus valores e passaram a ter uma liberdade corporal comparada a dos homens. (20, 1997)

O crescente crescimento da individualidade feminina vem ao longo do tempo favorecendo a sua liberdade, pois à medida que melhoram as condições econômicas, sociais e existenciais, permitem que elas desfaçam laços sentidos como insatisfatórios. Neste processo, muitas mulheres constituíram-se como chefes de família, mudando assim o perfil dos grupos familiares. (34, 1994)

Além das conquistas que não são poucas, acumulamos, desde Eva, uma coleção de estereótipos, alguns se tornaram orgulho e outros dão força para a mulher ir em frente contra essa cultura machista a qual somos submetidas e da qual fazemos parte. Alguns deles são conhecidos pelos termos: servis, levianas, maliciosas, pecadoras, faladoras, cheias de veneno, bondosas, passivas, altruístas... Mas a ciência está a favor da mulher (e em nossa sociedade, cientista é alguém que detém a verdade), colocando abaixo a “suposta fragilidade feminina”. As descobertas permeiam toda a nossa história: descobriu-se que na

Pré-história a mulher exerceu participação importante na luta pela sobrevivência, e não apenas realizando tarefas ditas estritamente femininas como o cuidado dos filhos e a coleta (que também possuem a sua devida importância), mas elas também participavam das caçadas. Outras descobertas que também estão contribuindo para a “libertação” da mulher, dizem respeito a nossa capacidade física. Em provas olímpicas importantes as marcas atingidas de atletas masculinos e femininos assemelham-se... “Mesmo com oportunidades equivalentes, homens e mulheres nunca serão iguais. Muito menos superiores e inferiores uns aos outros. Viva a diferença”. (29, 1999)

SEXUALIDADE E GÊNERO

A sexualidade é uma construção social que está intimamente ligada a cultura de cada sociedade, não podendo então ser encarada como mero fator biológico e inalterável. Nascemos sim, com uma genitália de herança genética, mas tornarmo-nos homem e mulher dependerá das relações sócio-culturais que mantivermos durante o nosso (com) viver.

A sexualidade humana diferentemente da sexualidade do animal, não visa à reprodução somente, mas também a busca do prazer. Ela é um contínuo que praticamos desde o nascimento até a nossa morte. FREUD (1972) descreve que as sensações sexuais são formadas nos cinco primeiros anos de vida, já se encontrando presente no recém-nascido os primeiros impulsos sexuais. Na fase fálica, o pênis ou clitóris se torna alvo das energias libidinosas, tornando-se visíveis nesta época às disposições femininas e masculinas. O menino desperta para o poder que emana do seu pênis, a virilidade, a força, em comparação a “outra metade” as mulheres.

Cria-se e perpetua-se entre as crianças a teoria da castração, em que todos nascemos com o mesmo órgão sexual (pênis), e as meninas o perdem, sendo este o alvo principal da dita inferioridade feminina, e da perpetuação da opinião depreciativa da figura da mulher. Por outro lado às meninas passam a invejar o que não possuem, e todos os “privilégios” que este órgão assegura. (26, 1999)

Em seguida a esta etapa, FREUD relata a fase Edipiana, onde a criança desenvolve um maior interesse pelo genitor do sexo oposto e rivalidade ao do mesmo sexo. Causando no menino o medo da punição, ou seja, a castração, a queda do poder. A mãe é o primeiro objeto de amor do filho, e o pai é a lei, o que os protegerá do incesto. Isto servirá de modelo para a criança, durante toda a sua vida na escolha dos seus objetos sexuais.

A educação sexual saudável das crianças nos daria como produto, adultos livres da visão generizada e conseqüentemente livres de (pré) conceitos machistas, retrógrados e individualistas. Mas a realidade ainda é outra. A educação sexual, principalmente a que é transmitida a crianças e jovens através da escola, geralmente é feita de forma estereotipada, preconceituosa, moralizadora, maximizando a importância do ponto de vista higienista e anatomobiológico, servindo assim para perpetuar as diferenças sexuais e sociais entre homens e mulheres.(4, 1999)

Durante muitos anos a sexualidade feminina esteve identificada primordialmente com a procriação e o sentimento maternal. A satisfação sexual era privilégio do macho e ainda hoje prevalece na cultura ocidental esta idéia. Isto se deve ao fato de que, culturalmente em nossa sociedade, homens e mulheres exercem papéis sexuais de forma diferenciada, mantendo assim o “sexo frágil” na expressão de um número fixo, determinado e permitido de comportamentos, que realçam as diferenças biológicas e as transformam em desigualdades e discriminação. Mas não apenas as mulheres são prejudicadas pelo impacto dessas construções desiguais de gênero, os homens também o são. A “obrigatoriedade” do bom desempenho sexual, aliado à necessidade permanente da prova de sua masculinidade, são as grandes causas modernas de impotência sexual dos mesmos. (17 , 1998).

No início dos anos 60 com a descoberta da pílula anti-concepcional, as mulheres puderam desvincular o prazer sexual do risco de uma gravidez indesejada. Foi uma revolução nos costumes da época. É, e revolução talvez seja o termo mais adequado para retratarmos as mudanças ocorridas com o ser humano, em especial nós mulheres nessas últimas décadas. Iniciamos com conquistas, vistas hoje como simples(mas muito

significativas) como a queda do espartilho, seguidas então do direito assegurado ao voto.

Culturalmente a castidade e a passividade são características inerentes à mulher como mera forma de controle e inibição da sua expressão sexual. Falar sobre o assunto também é privativo dos homens, nas mulheres é transgredir as normas vigentes e impostas, impedindo assim a troca de experiências, cobrindo-as com uma nuvem de silêncio, vergonha e mistério. Impulsionado por nossa sociedade patriarcal, é reforçada a ideologia do prazer feminino como intimamente ligado ao coito vaginal, ou seja, à mercê da penetração masculina. “Assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável -um poder historicamente enraizado”.(36 , 1999: 56)

De acordo com FOUCAULT (12, 1978) a partir do século XVII, iniciou-se a repressão ao sexo, mas para bani-lo, ou melhor, dominá-lo, teria que antes reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua circulação no discurso. A grande idéia era impor o silêncio. Só que o que ocorreu neste último século foi o aumento da linguagem em torno do sexo, ele vem continuamente sendo discutido e investigado. Toda essa especulação culminou na criação de estratégias que acumularam dispositivos de saber e de poder sobre o assunto. Estes dispositivos circularam em torno de quatro figuras principais: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano e o adulto perverso. Sobre a mulher, sua sexualidade passou a ser a origem patológica da histeria; concebe-se então que a sexualidade encontra-se presente nas crianças, mas catalogadas como perigosa e contrária a natureza; o casal deveria praticar o sexo de forma regulada e controlada e com a única função procriativa; os corpos e as atitudes foram especificados e os que não se mantinham na forma combinável com a economia estrita de reprodução foram tidos como pervertidos e perigosos e para estes criados formas de tratamentos. A sexualidade desenvolveu-se então, como segredo e algo de que todos precisavam precaver-se se não para a salvação do corpo então para a salvação da alma.

Os anos que antecedem o século XVIII prega a necessidade do prazer feminino para a realização da fecundação, a partir deste passa a ser não só supérfluo como contra-indicado. Renasce com

mais força do que nunca a repressão sexual feminina e a separação notória entre mulher-mãe e a mulher-fêmea.(20, 1997)

Apesar de tudo que já foi dito, é notório que o peso moral nas mulheres diminuiu muito durante o passar dos anos, mas ocorreu o processo inverso com relação à interferência em nossas vidas de conceitos construídos como (in) verdades absolutas, que contribuíram e continuarão a contribuir para a não liberação da sexualidade feminina.

3- MOTIVAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E O TRABALHO COM MULHERES EM SAÚDE: OS PROCEDIMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS E CONCEITOS BÁSICOS.

3.1- O MÉTODO DE PAULO FREIRE- O CÍRCULO DE CULTURA

Paulo Freire acreditou e comprometeu-se durante toda a sua vida por uma Educação que rompesse as fronteiras dos estereótipos e da discriminação, onde educandos e educadores aprendem juntos e utilizam cada momento para a transformação da realidade e “aclaramento da consciência”. Acreditava ele que a única saída para que houvesse a transformação de uma sociedade de oprimidos para uma outra sociedade de iguais, seria através da educação(mas não apenas a educação formal), por ver no homem um ser ontologicamente inacabado, capaz de transformar sua realidade e de conhecer sua tarefas concretas como cidadão. (13, 1994)

Uma de suas contribuições foi (e será sempre), a metodologia utilizada para a alfabetização de adultos, o Círculo de Cultura. Este método é construído e refeito a cada utilização, constituindo-se como um roteiro de trabalho. O fio condutor é um só: trabalha-se com o indivíduo na perspectiva da transformação ocorrer de dentro para fora, utilizando a realidade e o diálogo como pontos de partida. Só assim se contrapositionará contra muitos outros métodos que se baseiam no pressuposto de que educar nada mais é que passar informação de alguém que muito sabe para uma outra pessoa supostamente vazia e que nada sabe.

O nome Círculo de Cultura veio para “substituir classe de aluno ou a sala de aula”. Círculo porque todos os envolvidos objetivam um único fim, não possuindo um professor ou alfabetizador, e sim um “animador” que também participa dos debates, contribuindo no ato de ensinar e aprender. De Cultura porque o método propõe é uma nova maneira de pensar e de construir a realidade cotidiana que os torna “sujeitos”, e não vista apenas como algo de letrados. (5, 1985)

O Círculo é formado por educandos (delimitados a partir da necessidade) e do animador. O primeiro passo para iniciar os encontros é certificar-se da disponibilidade dos participantes em envolver-se, comprometer-se e aprender-construindo. Logo após é

realizada uma pesquisa para o reconhecimento da realidade da comunidade na qual o grupo está inserido. As frases recolhidas na própria comunidade devem retratar como vivem e como pensam, quais os valores, o trabalho, a forma de sobrevivência, a fala, etc... Paulo Freire refere-se a esta etapa de várias maneiras, uma delas a “descoberta do universo vocabular” acredito ser a mais apropriada. O material coletado é de grande importância para o bom desempenho do grupo. As frases mais significativas serão codificadas (palavras geradoras) para *a posteriori* serem decodificadas pelo grupo. Durante o processo de discussão as falas dos participantes gerarão as palavras articuladoras que nada mais são do que a síntese da discussão. (14, 1979)

Como falamos no início cada grupo tem a sua maneira de conduzir o Círculo, assim as categorias que emergirem da descoberta do universo vocabular serão expressas no Círculo de Cultura. Algumas categorias já surgiram do meu contato anterior com as mulheres que fazem parte do grupo.

De todas as maneiras o Círculo tem por objetivo levar às participantes a possibilidade de refletir e de adquirir uma postura crítica e ativa diante do mundo que as cerca desenvolvendo as habilidades próprias da pessoa em processo de atualização como o de agir sobre o meio, o assumir-se a si mesmo e a abertura à experiência, categorias trabalhadas por Saint-Arnauld(32,1979)

3.2- A PESSOA HUMANA E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS SEGUNDO YVES SAINT- ARNAULD

O modelo proposto por Yves Saint-Arnauld para estudo da pessoa humana e das relações interpessoais permite que façamos uma pressuposição sobre o que se passa no interior de cada pessoa e a energia que impulsiona o comportamento humano. O objetivo do autor é apresentar a psicologia perceptual, uma disciplina que tem por objetivo tornar as pessoas capazes de se conhecerem e de conhecerem uns aos outros e ainda de estabelecerem uma relação de ajuda e atualizarem seu potencial humano transformando a energia orgânica em comportamento útil à atualização de seu potencial como pessoa humana.

Este modelo considera o indivíduo como um todo, representado por suas três dimensões: o comportamento, a energia orgânica e o campo perceptual. Comportamento refere-se a toda e qualquer atitude tomada pelo indivíduo quer seja verbal ou não verbal, que possa ser vista ou percebida por uma outra pessoa ou instrumento. Energia orgânica é a força química ou psíquica que impulsiona o organismo a dá origem a um comportamento. Campo perceptual compreende tudo que é relativo ao "eu", ao mundo subjetivo da pessoa, é tudo que se percebe, tudo que se sente.

Saint- Arnauld expressa sua teoria através de dois postulados: a *tendência à atualização e o primado da subjetividade*. O primeiro, coloca a palavra atualização como sinônimo de crescimento, enriquecimento, e que a energia orgânica atua no organismo de modo natural e inconsciente motivando um comportamento que a levará à atualização. Paralela a essa tendência natural somos também expostos em nosso meio ambiente a fatores que podem contribuir para a parada do crescimento, evidenciando-se os processos defensivos.

O segundo postulado, explica que o psicólogo perceptual estuda a pessoa através do comportamento observável e percebido pelo sujeito, levando em consideração que o comportamento é determinado pela parte consciente do indivíduo naquele instante. A realidade captada naquele momento pode não ser a mesma percebida pelo observador ou por outrem. Ela dependerá de como o indivíduo a percebe, como ele a sente, e de percepções naquele dado momento. A interação entre a energia orgânica e o meio ambiente fazem surgir um conjunto complexo de necessidades que irão guiar o comportamento humano e, ao serem satisfeitas, expressarão as características da pessoa atualizada, saudável.

Temos uma série infinita de necessidades, que se agrupam em três categorias: necessidades fundamentais, necessidades estruturantes e necessidades situacionais.

As necessidades fundamentais são exigências congênitas do indivíduo, e a não satisfação pode acarretar conseqüências graves ao seu desenvolvimento. Todas as pessoas possuem as mesmas necessidades fundamentais. "Cada homem é como todos os outros homens". Saint-Arnauld categoriza as necessidades fundamentais em físicas (bioquímicas) e psicológicas, dentre estas últimas

encontramos a de *amar e ser amado, de compreender e a de produzir*. As necessidades físicas são exigências naturais e fisiológicas de todos os organismos. A ausência da necessidade de amar e ser amado é considerada como uma anormalidade, uma patologia, por isso é preciso suprimir o que está contribuindo para desencadear essa situação para que a pessoa possa atualizar-se. Ao satisfazer a necessidade de produzir, a pessoa canaliza sua energia para agir sobre o meio ambiente; para satisfazê-la só necessita da disposição e vontade de o fazer. É a própria vontade de se sentir útil e capaz que atua favoravelmente para o crescimento. A necessidade de compreender não pode ser restrita apenas a seu significado intelectual, e sim no sentido amplo de "compreender algo". A não compreensão, a ausência de significação pode ser um empecilho básico para o crescimento, mesmo que as suas outras necessidades sejam satisfeitas (amar e ser amado e a de produzir). Existe uma certa autonomia entre as três necessidades fundamentais, mas isto não quer dizer que sejam totalmente independentes, podem sim, surgir simultaneamente e a forma de buscar a satisfação variará de pessoa a pessoa. Essa variação é que identifica as chamadas necessidades estruturantes.

As necessidades estruturantes são adquiridas e não são diretamente observáveis, pois estão demarcadas no campo perceptual. Podem relacionar-se a uma ou mais necessidades fundamentais, e nem sempre são favoráveis à atualização da pessoa, temos como exemplo o fumo e o álcool. E são elas que introduzem a diferença entre as pessoas ao agirem para satisfazer as necessidades fundamentais. Por exemplo, necessitamos de nutrientes que nos são proporcionados nos alimentos que ingerimos divididos nas três ou quatro refeições que tomamos diariamente. Mas sabemos que as pessoas estruturam essa necessidade das mais variadas formas, até mesmo saltando uma ou outra refeição.

As necessidades situacionais têm a característica de não serem permanentes e serem na história da vida, únicas, mas algumas se tornam permanentes à medida que a situação de vida (pobreza extrema e falta de perspectiva) vai tornando-se cada vez mais difícil e sem horizontes,

Como já mencionado, a atualização é sinônima de crescimento, e com isso também podemos dizer que o seu

contrário, ou seja, a não transformação da energia em comportamento útil, é chamada de processo defensivo. O “processo de crescimento” evidencia-se através de algumas características, quais sejam: o *assumir-se a si mesmo*, a *abertura à experiência*, e a *ação sobre o meio ambiente*, enquanto que as características do processo defensivo são: a *inibição*, a *invasão do campo perceptual* e a *inércia*.

A *inibição* é um dos primeiros sinais do *processo defensivo*, pela qual a pessoa se sente paralisada e diminuída, não possuindo domínio sobre as forças que nela atuam, tornando-se incapaz de achar a solução para seus problemas. A *energia organísmica* existe, só que a transformação em comportamento útil não acontece. Nestes casos a *energia organísmica* evidencia-se por comportamento não apropriado ao crescimento humano, o que ocorre são outros processos como a ansiedade, mal-estar, medo, vergonha de si, etc...

Na *invasão do campo perceptual*, a energia organísmica ocupa o indivíduo de forma desordenada e a pessoa fica sem poder canalizá-la para a transformação em comportamento útil. As manifestações dessa invasão são, nos casos mais sérios, as alucinações, os delírios e as agitações que constituem o objeto de estudo da psicopatologia. A pessoa fica incapacitada de agir sobre o meio e torná-lo apto para seu desenvolvimento, chega-se então a fase da *inércia*, onde a submissão é a característica marcante. Tudo isto ocorre principalmente com pessoas que passam por muitas perdas associadas à faltas estruturais permanentes em suas vidas.

Existem ainda atitudes saudáveis que promovem o processo de atualização: a *consideração positiva incondicional*, a *autenticidade* e a *empatia*.

A *consideração positiva incondicional* admite que você aceite, acolha, apóie uma pessoa, mas para que isso ocorra, você tem que primeiro se gostar, ou seja, se aceitar. O campo perceptual tem que estar livre de todo e qualquer conceito negativo em relação a si próprio e ao outro. A *consideração positiva incondicional* facilita o *abrir-se à experiência* já que as pessoas não serão criticadas se algo não saiu como se esperava.

Não se pode falar em autenticidade sem falar em controle crítico. Dizer tudo que sente, sem possuir um controle sobre seu

comportamento, prejudica o processo de crescimento e se constitui em uma atitude inautêntica, que tem como uma de suas características a dupla mensagem, onde o comportamento verbal é contraditório aos sentimentos.

Na compreensão empática a pessoa que ajuda permite sentir-se na pele do outro, para então entender a sua atitude, o seu comportamento.

No processo de atualização as pessoas mantêm um convívio sadio com outras pessoas, e estabelecem uma relação interpessoal efetiva. O que prejudica essas relações é a ausência de senso crítico e de autenticidade. A primeira representação no campo perceptual de outrem é muito forte, e muitas vezes até nos impedem de vermos outros comportamentos que nos levariam a um questionamento. Existem quatro tipos de relação interpessoal. A *relação funcional* que é aquela em que há por alguns dos membros da relação à vontade de satisfação de algum tipo de necessidade física ou material. Já nos outros três tipos de relação: *calorosa, cooperativa e heurística*, os membros se unem para satisfação das necessidades fundamentais de ordem psicológica: de amar e ser amado (calorosa), produzir (co-operativa) e compreender (heurística).

Na relação calorosa cada uma das pessoas vê no outro um ser importante ou indispensável para a obtenção de seu propósito de suprir a sua necessidade de produzir e de criar. Essa cooperação só acontecerá se estiver presente a competência e a prioridade do alvo.

Todas as alterações que ocorrem no indivíduo quer seja na interação com outras pessoas, quer seja com o meio em que vivem, fazem parte de uma tendência natural que o indivíduo possui para mudança de atitude. A mudança envolve três fases denominadas de *degelo, movimento e regelo*.

Degelo é quando respostas que antes serviam ou pareciam adequadas à satisfação da necessidade de compreender eram adequadas, passam então a ser insuficientes. O primeiro conhecimento então é abandonado.

Movimento é a fase de transição, onde haverá um descontrole temporário da energia orgânica, até que se atinja a terceira fase que é o regelo. No regelo o campo perceptual volta a se organizar, só que de uma forma mais completa e mais complexa,

constituindo-se numa forma de atualização. Se adequarmos à linguagem de Paulo Freire, teremos o movimento de passagem da consciência ingênua para a consciência crítica.

Baseada nesses pressupostos observei o comportamento, as respostas e às reflexões dessas mulheres no Círculo de cultura. No desenrolar do Círculo utilizei perguntas intencionalmente construídas e dinâmicas apropriadas para criar espaço favorável à auto-expressão das mulheres o que me facilitou conhecer suas percepções quanto a temas propostos a partir do levantamento do universo vocabular.

3.3- ASPECTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa-participante realizada durante um período de aproximadamente oito meses com um grupo de 30 mulheres intencionalmente organizado. As reuniões aconteceram em número vinte e oito encontros semanais e sete mensais na própria comunidade onde residem, para vivenciar uma nova forma de pensar no coletivo que favorecesse a atualização como sujeitos interagentes no grupo. Os encontros semanais ocorreram para a realização e incentivo de exercícios físicos como caminhada, alongamento e respiração, e ainda para criação de vínculo através de contatos mais frequentes, enquanto que os encontros mensais deram-se para a participação no Círculo de Cultura. Os encontros foram registrados em diário de campo, fotografias e filmagem.

A atividade desenvolveu-se simultaneamente na comunidade, na qual utilizamos o Centro de Convivência dos Idosos como o local para a realização dos encontros mensais e semanais e ainda na própria UBASF. Realizamos oito encontros mensais utilizando-se fichas de cultura, e ainda 25 encontros semanais, onde trabalhávamos o corpo e a mente através de exercícios de alongamento e relaxamento.

Além das reuniões semanais e mensais, todo e qualquer encontro com as educandas eram aproveitados para a realização da descoberta do universo vocabular, quer fosse na consulta na UBASF, quer fosse em um encontro informal pelas ruas do bairro, ou ainda em encontros formados para comemoração de datas festivas como: aniversários, dia das crianças, festa junina, natal.

Utilizei como referencial teórico Yves Saint-Arnauld(A Pessoa Humana) e como referencial metodológico o Círculo de Cultura de Paulo Freire.

Assim como o método de Paulo Freire propõe, eu exerci o papel de animadora e as mulheres de educandas. Como já mencionei anteriormente as etapas propostas por Paulo Freire para o trabalho com o Círculo de Cultura são as seguintes e aparecerão descritas nas seguintes páginas: Motivação da disponibilidade, envolvimento e comprometimento com o grupo(pg. 33-42); Reconhecimento da realidade do grupo- descoberta vocabular,

com posterior definição das palavras geradoras(pg. 43-59);
Construção da síntese(43-53, 59-64).

As mulheres que compõem o GEMAB(Grupo Especial de Mulheres do Antônio Bezerra) tiveram seus prontuários marcados na unidade com uma tarja vermelha, facilitando assim o processo contínuo da descoberta do universo vocabular que ocorreu durante toda a pesquisa. A identificação das educandas será para efeito de preservação de identidade descritos através das iniciais dos seus nomes.

A população que poderia fazer parte desse grupo compreendeu mulheres a partir de 20 anos, que moram na área de abrangência da equipe III, do Programa de Saúde da Família e que possuíam disponibilidade para participar das reuniões e vontade de aprender-ensinar através do método de Paulo Freire.

De acordo com o QUADRO I a amostra tem as seguintes características: 16(dezesseis) mulheres estão na meia-idade enquanto que 14(quatorze) são idosas. A mais idosa do grupo conta com 75(setenta e cinco) anos de idade e a mais nova, 38(trinta e oito) anos de idade.

Quanto ao estado mórbido das integrantes encontramos os seguintes números: 10(dez) não possuem nenhuma morbidade, 6(seis) são acometidas de hipertensão e diabetes, 1(uma) possui apenas diabetes e por último 13(treze) são hipertensas somente.(QUADRO I)

A renda pessoal ficou assim dividida: 13(treze) não possuem nenhum tipo de renda, vivendo a maioria as custas dos filhos e/ou marido, ou ainda através da ajuda de vizinhos e familiares, 17(dezessete) possuem renda compreendida entre um e dois salários, obtidos pela aposentadoria, ou através de pequenos comércio construídos em seus próprios domicílios.(QUADRO I)

Foram utilizados e valorizados rituais, com a intencionalidade de exercitar a convivência harmoniosa, a relação heurística e calorosa entre o grupo, e entre este e o grupo familiar. Trabalhei com as seguintes temáticas: Subjetividade feminina, percepções, auto-estima, consciência, diálogo, sexualidade, cultura, questões de gênero, liberdade.

Ao final dos encontros as próprias mulheres é que deram seus depoimentos esclarecendo sobre a influência causada pelo grupo em suas vidas e na interação familiar.

3.4- PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS PARA MOBILIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO DAS MULHERES

I ENCONTRO DE MULHERES DA UBASF-METON DE ALENCAR: CUIDANDO DE QUEM CUIDA

É necessário descrever fatos que antecederam a formação do grupo, mas que ajudaram na sua formação.

O convívio diário com as famílias cadastradas na UBASF denuncia o pouco tempo ou nenhum, que essas mulheres dedicam ao cuidado de si em detrimento ao cuidado dos outros membros da família. Resolvi então no mês de maio de 2000(dois mil), com ajuda de todos os outros profissionais, proporcionar um encontro que beneficiasse todas as mulheres cadastradas naquela Unidade, por conseguinte as que fazem parte da minha equipe findariam o encontro com a idéia da formação de um grupo de mulheres.

O encontro foi um sucesso(ANEXOS 3,4,5), consegui reunir mais de duzentas mulheres. Dediquei uma tarde exclusivamente a elas, com o objetivo de contribuir para a reflexão acerca do autocuidado, proporcionar uma tarde de lazer e colaborar para a melhora da auto-estima. As ações desenvolvidas na oportunidade foram, cuidado com os cabelos, pele, mãos, pés, embelezamento, dança, relaxamento e exibição do filme UMA LINDA MULHER. Para garantir a participação plena destas mulheres, criei o **cantinho da felicidade**, onde as mães que não puderam deixar em casa, entregaram estas crianças aos cuidados de profissionais da UBASF, que desenvolveram com elas atividades lúdicas. Todas as atividades vislumbraram impactar no bem estar das mulheres, despertando assim o seu olhar sobre si e proporcionar uma nova forma de promover saúde e de resgatar sentimentos antes ocultos como se sentir bela. No decorrer do Evento observei a satisfação das participantes, registradas através de depoimentos que responderam aos objetivos propostos pelo Encontro.

Resolvi no início do Encontro realizar o que denominei de “TRANSFORMAÇÃO”³ onde escolhi uma das mulheres e fotografei o antes e o depois(ANEXO 6). K.P.O foi à escolhida, sempre está no posto a procura de atendimento, é uma jovem senhora, baixa renda, muito simpática e talvez uma das mais divertidas, presente no encontro. Após passar por uma sessão de beleza onde cuidou das mãos e pés, pele, fez corte de cabelo e foi maquiada, fiz novas fotos e colhi seu depoimento:

“Adorei este dia, estou me sentindo linda, uma outra mulher. Fazia anos que eu não dançava. Eu nunca fui num cabeleireiro. Ah! Estou me sentindo como ela (referindo-se a Julia Robert do filme uma Linda Mulher) linda”.

Através do apoio da SERIII pude proporcionar ao final do Encontro uma mesa farta de frutas e guloseimas e firmei o compromisso de que a partir daquele momento o encontro fará parte do calendário anual da UBASF. Em relação às mulheres que fazem parte da área em que atuo marquei um encontro para o dia seis de junho de 2000. Esse seria o marco inicial da pesquisa e formação do Círculo de cultura.

³ Termo empregado por um programa brasileiro de televisão, em que mulheres submetem-se a uma sessão de embelezamento. Compara-se ao final o antes e o depois.

4- A CAMINHADA: PERFIL E ESTADO DE SAÚDE DAS MULHERES INVESTIGADAS

4.1- O PRIMEIRO ENCONTRO COM O GRUPO DE MULHERES- AINDA A MOTIVAÇÃO

O primeiro encontro ocorreu no dia seis de junho de 2000. O local escolhido foi uma casa localizada no próprio bairro de Antônio Bezerra. Essa residência também funciona como ponto de encontro de um grupo de oração de um grupo religioso que semanalmente reúne-se no período noturno.

Compareceram trinta e cinco mulheres. Preenchi uma ficha de inscrição (ANEXO 1) que contém dados de identificação- nome, endereço, telefone, estado civil, com quem reside e ainda dados sobre possíveis condições mórbidas, e ainda um ofício de autorização para publicação da pesquisa e veiculação das fotos que seria tiradas durante os encontros (ANEXO 2). Outros dados que possam ser necessários na pesquisa estarão contidos no prontuário da família que se encontra na Unidade de saúde, como renda familiar, número de filhos, profissão, etc...

Após explicação sobre as estratégias a serem utilizadas e do tempo que levaríamos para desenvolver o Grupo, dei então início à primeira parte do Círculo de cultura: o estar certo da disponibilidade das participantes quanto ao horário e a vontade de aprender-construindo-ensinando. Após alguns minutos de debate chegamos ao consenso de que o melhor dia do encontro seria todas as primeiras terças-feiras de cada mês.

Na ocasião foram verificadas a pressão arterial e a glicemia das presentes, pois constatei que a maioria é hipertensa e/ou diabética, e já compareciam regularmente a UBASF para consultas mensais ou bimestrais. Este fato preocupou-me um pouco, pois, mesmo comparecendo regularmente as consultas agendadas na Unidade muitas estavam descompensadas (QUADRO I) e eram sedentárias, não utilizando nenhum outro meio, além da medicação para reverter o quadro, apesar das orientações dadas na ocasião da consulta. Pensei então em criar um encontro semanal que serviria na pesquisa para a descoberta do universo vocabular e para elas como um incentivo para a realização de exercícios físicos.

Essa proposta foi então colocada em discussão e todas adoraram a idéia, ficaram um pouco apreensivas, mas aceitaram o desafio. Então marcamos para as terças-feiras às sete horas da manhã, a realização da ginástica. Mas onde poderíamos realizar esses exercícios? Algumas mulheres então se disponibilizaram para procurar um local na própria comunidade, entendendo que esta seria apenas uma ajuda e que elas poderiam manter o que aprenderem nos outros dias da semana.

De acordo com a observação feita por mim do comportamento empregado pelas mulheres nesse primeiro contato já contribuiu para a atualização das mesmas e do Grupo, pois como descreve Saint-Arnauld, o *abrir-se à experiência* é um dos fatores que concorrem para o crescimento juntamente com a *ação sobre o meio*.

Fazendo um apanhado geral do primeiro encontro em relação ao comportamento das mulheres, houve pouca participação verbal, mas é aceitável visto que foi uma situação nova. Ao final do encontro uma das mais falantes comentou:

“Só não está melhor porque essa minha pressão não baixa. Mas a partir de agora vou ser uma mulher bonita e não tem quem me segure...”(M.D.B)

R.R. 58 anos, foi uma das que aceitou o desafio com muito entusiasmo. Há pelo menos dois anos e meio que comparece regularmente as consultas agendadas na UBASF, mas não tivemos (eu e a médica da equipe) muito sucesso com seu tratamento, pois, já havia mudado de medicação pela terceira vez, e mesmo assim o descontrole da pressão continuava. Não fazia exercícios físicos, nem caminhada e dizia não ter motivação e que andar sozinha era muito ruim.

Outra senhora, de olhar triste, mas simpática, tímida a princípio, veio ter comigo em particular:

“Dr^a Monica, talvez eu não possa vir para todas as reuniões porque meu marido pode achar ruim, mas vou fazer o possível. Estava precisando justamente disso...”(M.M.A)

Achei por bem perguntar então se ela queria conversar, desabafar. Foi então que ela se pôs a chorar e a falar:

“Meu marido não me deixa sair de casa, só deixou eu vir porque era uma reunião com pessoas do posto...Ele fica me dizendo que eu tô com os peitos grande. Quando a agente de saúde chega na minha casa ele fica perguntando se ela não quer trocar os peitos dela pelos meus, que eu estou feia. Mas é verdade eu engordei muito, estou realmente feia. Tenho até vergonha algumas vezes de sair com blusas apertadas.”

Devido a tudo que M.M.A estava passando e relatou em seu desabafo, percebi sinais que caracterizam o *processo defensivo*, entre eles a *inibição*. De tanto ouvir do marido palavras que maltratavam, acabou realmente partilhando com ele dessas idéias. Mas um fator importante em seu depoimento foi a facilidade com que verbalizava suas queixas e a aceitação que mostrou em participar do grupo, sendo estes caracterizados como os primeiros passos para o processo de atualização e transformação da consciência ingênua em uma consciência crítica.

QUADRO I- Situação inicial das mulheres com relação a níveis pressóricos, glicêmicos de acordo com a condição patológica, idade, estado civil e renda pessoal.

IDADE	NOME	DOENÇA ASSOCIADA	P. A. INICIAL	GLICEMIA INICIAL	RENDA PESSOAL	ESTADO CIVIL
61	A.R.L.	HIPERTENSA	110 x 80	100	-	CASADA
74	C.T.	-	200 x 120	78	1e 1/2 SAL	VIÚVA
75	E.F.F.	-	150x80	95	1 SAL	VIÚVA
48	F.L.C.	HIP/DIA	170X100	130	-	CASADA
50	G.R.S.	-	130x80	78	1 SAL	SEPARADA
50	J.F.F.	DIABETES	110x70	171	2 SAL	SEPARADA
72	J.O.S.	HIPERTENSA	180x100	74	1SAL	CASADA
54	J.S.P.	HIP/DIA	160x100	340	1e 1/2 SAL	SEPARADA
38	M.A.R.	-	120x80	84	1 SAL.	CASADA
51	M.D.B.	HIP/DIA	160x90	91	-	CASADA
60	M.D.S.	HIPERTENSA	150X80	90	1 SAL	CASADA
51	M.F.R.	HIPERTENSA	140X80	86	1 SAL	CASADA
55	M.I.S.V.	HIPERTENSA	150X80	95	-	CASADA
53	M.L.S.S.	HIPERTENSA	160X110	85	-	CASADA
59	M.M.A.	-	120X80	95	1e 1/2	CASADA

					SAL	
62	M.M.F.	HIP/DIA	200X100	477	-	CASADA
72	M.M.S.	HIPERTENSA	140X70	116	1 SAL	CASADA
68	M.N.G.P.	HIPERTENSA	140X90	118	1SAL	CASADA
67	M.N.T.	HIP/DIA	160X80	346	1 SAL	CASADA
52	M.S.C.T.	HIP/DIA	130X70	74	-	CASADA
73	M.S.D.M	HIPERTENSA	170X100	151	1 SAL	VIÚVA
73	M.S.L.	HIPERTENSA	160X100	74	1 SAL	VIÚVA
46	M.S.S.	-	140X100	82	-	CASADA
60	M.T.E.S.	HIPERTENSA	110X80	95	-	CASADA
64	N.F.S.	-	120X70	86	1e1/2 SAL	CASADA
61	R.N.M.	-	140X80	90	-	CASADA
59	R.R.	HIPERTENSA	180X110	97	-	CASADA
58	S.R.M.	-	130X90	109	-	CASADA
57	T.J.S	-	120X90	88	2 SAL	VIÚVA
49	T.S.C.	HIPERTENSA	160X100	141	-	CASADA

4.2- PROMOVENDO SAÚDE ATRAVÉS DO TRABALHO COM O CORPO E A MENTE: OS PRIMEIROS EXERCÍCIOS -O DESVELAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR-

O local escolhido para a realização dos exercícios foi uma quadra a céu aberto localizada na comunidade e que funciona durante duas tardes da semana como um centro de convivência dos idosos. Fiquei um pouco apreensiva no primeiro dia de ginástica, o olhar de todas elas denunciavam também certo nervosismo. Para meu espanto, dois homens compareceram, F.A.M, 58 anos, diabético, professor aposentado e o outro S. A. um senhor que já era acompanhado através das visitas domiciliares realizadas por nossa equipe, possui seqüelas de AVC(acidente vascular cerebral) e imensa dificuldade de deambular(precisa da ajuda de uma muleta), chegou sozinho demonstrando em suas palavras um certo descontentamento geral. É importante salientar que eu já vinha tendo contato com o mesmo por ocasião das visitas que realizávamos na sua residência, onde S. A. só escutava e seguia o que Afonso⁴ recomendava, eu não conseguia entender se era

⁴ Médico que trabalhou como meu companheiro de equipe por dois anos. No momento a minha companheira de trabalho e equipe é Andréa.

devido ao fato dele ser homem ou mesmo por ser médico. Pensei então em usar os exercícios para reforçar todas as orientações e ainda manter uma relação mais cordial com o mesmo. S. A. chegou no local porque soube que houve verificação da pressão arterial na reunião passada e compareceu à ginástica nesse intuito, ao deparar-se com os exercícios, o convidei a participar e no mesmo momento retrucou:

“Mas aqui só tem mulher! Ginástica é coisa de mulher”.

Aproveitei então para instigar um pouco o grupo a falar do que elas achavam sobre aquele posicionamento. A primeira a falar foi M.D.B:

“Mas e o que é que tem. E o senhor por um acaso tem medo de mulher? E é só mulher que faz ginástica? Ande venha aprender um pouquinho com a gente. Ora e além do mais você está em um grupo de mulheres mesmo”.

Foi prontamente seguida por M.S.L:

“Aqui não tem coisa de mulher e de homem não. Só dentro de casa”.

As palavras demonstram a internalização de que realmente elas estavam aceitando o grupo como delas. Após muito diálogo, S.A. aceitou o convite. Mas elas fizeram questão de deixar claro que aquilo realmente era um grupo de mulheres e que não fazia mal algum ele estar nos acompanhando. Decidimos então, que o grupo só seria fechado aos homens nas reuniões mensais, e que durante as ginásticas os homens também poderiam participar, e assim prevaleceu à vontade do grupo.

Como Paulo Freire relatou que a descoberta do universo vocabular se dá a cada encontro, percebi a necessidade que tínhamos enquanto grupo, de desvelar o comportamento de gênero relacionado ao ambiente público e privado, e ainda as funções “impostas” para a mulher e para o homem, mas isso ficaria para a discussão mensal através das fichas de cultura.

Bem iniciando os exercícios(ANEXO 7), passamos a fazer um alongamento de todos os músculos, iniciamos pelos da face e terminamos pelos membros inferiores. Houve no primeiro dia uma

certa dificuldade por parte das mulheres em acompanhar os exercícios, ao finalizar os exercícios propus que dançassemos algum ritmo, todas elas pediram então que fosse uma dança nordestina, o forró. Dançamos muito e os comentários eram:

“Nunca tinha dançado na vida”.(J.S.P)

“Agora eu emagreço”.(M.D.B)

“Vamos fazer todos os dias essa ginástica”.(M.S.L)

Para finalizar nossa manhã fizemos um círculo e de mãos dadas fizemos uma oração (por pedido de algumas educandas) deixando claro que não existia no encontro nenhuma ligação com religião alguma. Como nem todas se conheciam falamos em voz alta um por um o nome de todos os presentes, e fortalecemos o grupo através da técnica do abraço grupal, onde os participantes se unem com os braços na cintura ou nos ombros e vão estreitando o círculo, até se comprimirem por alguns instantes, logo após se afastam dando algum tipo de clamação, a usada por nós foi “VIVA A VIDA”. Esse tipo de abraço nos concede “além de bons sentimentos de apoio, segurança e afeição, os abraços em grupo conferem, muitas vezes, um senso de unidade e de aceitação universal”.(18,1983) Passei a utilizar essa técnica durante todos os encontros.

Como um dos objetivos do Grupo é favorecer a relação calorosa entre elas e seus familiares então solicitei que aquele abraço também fosse compartilhado no seu ambiente familiar.

E assim continuamos semanalmente nossa ginástica. Algumas vezes não pude comparecer, mas alguma pessoa do grupo ou mesmo Andréa⁵ me substituiu repetindo os exercícios já feitos em dias anteriores, o importante é que o grupo passou a andar com suas próprias pernas.

Com a continuação o crescimento de todos foi visível, a dificuldade em realizar os exercícios passou a fazer parte do passado. A resistência física aumentou passando a realizar todos as seqüências de exercícios. Formaram grupos de caminhada que

⁵ Médica que atualmente trabalha comigo na equipe III.

se reuniam diariamente. Passaram a agir sobre o meio para favorecer o processo de crescimento.

Algumas mulheres tiveram destaque em relação às atividades físicas. M.S.L uma senhora de 73 anos recebeu o nome de bailarina, nunca tinha feito exercícios apesar de ser hipertensa. Com o caminhar do grupo ela teve um desempenho magnífico, antes dos exercícios todo o grupo caminha aproximadamente por quinze minutos enquanto que bailarina corre, é importante ainda salientar que seus níveis pressóricos não tiveram mais aumento, e ainda, foi diminuída a quantidade de medicação que era tomada para esse fim.

Nos encontros semanais aproveito o momento para também discutir alguns assuntos necessários, como comemoração de datas festivas, problemas vividos por moradores do bairro em que podíamos ajudar, e outros assuntos.

Estreitamos os laços de amizade. As terças-feiras passaram a ser necessárias tanto para mim quanto para elas. Ao longo do tempo mais mulheres juntaram-se para a realização dos exercícios, e mais homens. Os exercícios que antes faziam os "machos" rirem, pois eram de mulheres, já não tinham mais importância, perdeu-se a vergonha. Agora naqueles momentos todos eram iguais, e amigos. Chegou-se a ter cinquenta pessoas fazendo exercício. Mas o grupo que trabalhei mensalmente continuou o mesmo, não podendo ser aumentado.

O respeito e a importância que cada um representava dentro do grupo era fator especial. No início eu fazia questão de perguntar por algumas pessoas que não compareciam, e mandava recados falando da falta que nos fez. Depois isso foi feito por todo o grupo, estabeleceu-se *empatia* e uma *relação calorosa*. S. A. já não utilizava mais as muletas durante o exercício, era o que mais fazia falta ao grupo quando não podia comparecer, tornou-se uma pessoa necessária, a rispidez das palavras foram trocadas por palavras de carinho e muita gargalhada que nos fazia dar. Os familiares também sentiram a mudança. Sua esposa veio ter comigo na UBASF, e com suas palavras disse:

"Dra. Mônica, Antonio só fala no grupo, ele está mais paciente, e fica contando os dias para chegar às terças-feiras. Tá cheio de amigos. E já não me perturba tanto. De primeiro tudo achava ruim em casa agora já melhorou um bocado".

Fazíamos questão de relatar para o grupo toda as vitórias conseguidas através dos exercícios, quer fosse diretamente ou indiretamente. Todo o grupo sem exceção de nenhuma pessoa passou a ter seus níveis pressóricos e glicêmicos controlados. Com as caminhadas diárias passaram a perder peso. R.R. a cada semana que passava a transformação era crescente, perdeu peso, auto-estima melhorou, era uma das que não faltava a ginástica, mesmo quando adoecia, fazia questão de ir só para observar. Gostava de conversar, e como morava sozinha com o marido faltava-lhe muitas vezes companhia. Em uma dada ocasião, deparei-me com M.M.A na UBASF atrás de ficha para consulta médica. Quando a vi perguntei-lhe o que houve:

“Estou sentindo dor no corpo todo, corpo quente, as carnes tremendo.”

Verifiquei então a pressão arterial e a temperatura que resultou em níveis normais. Conversamos por um longo tempo, depois ela foi embora sem a consulta pretendida. Nos encontramos novamente no dia seguinte, assim que me viu foi logo dizendo:

“Saí de lá boazinha, acho que só queria conversar um pouco.”

Fiquei um pouco receosa devido ao fato dessa possível dependência que M.M.A estava desenvolvendo em relação a minha pessoa, e passei então a trabalhar o fato. Fazia o possível que ela visse nas outras mulheres, amigas. Pois a dependência seria um empecilho a sua atualização.

4.3- UTILIZANDO AS FICHAS DE CULTURA

DISCUTINDO SOBRE O TEMA DIÁLOGO

Através da descoberta do universo vocabular, pude perceber que um dos grandes problemas que as educandas referem nos atendimentos ou mesmo nas conversas informais é a falta de diálogo que elas mantêm com seus familiares, principalmente com seus companheiros.

No dia quatro de julho nos reunimos no centro de convivência. Apresentei uma ficha de cultura onde a palavra geradora era **diálogo**. Nela aparecia um homem e uma mulher sentados em uma mesma cadeira e de costa um para o outro, coloquei em um local em que todas pudessem observar e perguntei.: “O que vocês estão vendo?” Sugeri o debate a partir da imagem, trabalhando assim o poder de crítica e de decisão. As respostas demoraram a chegar, mas eu insisti: “Porque eles estão assim e não de frente um para o outro?” Foi então que primeira falou e então se iniciou uma série de idéias:

“Um homem e uma mulher brigados.”(T.S.C)

“Duas pessoas prestes a se divorciarem.”

“Acho que é a falta de diálogo que ocorre entre homens e mulheres, ou melhor, entre marido e esposa.”(M.D.B)

“Traição.”

Para voltar um pouco ao objetivo real do encontro que era debater sobre o diálogo, encaminhei a conversa sem com isso decodificar a gravura e indaguei:

“M.D.B. falou que o que ela estava vendo naquela ficha era a falta de diálogo, e porque vocês acham que acontece isso?”

As respostas vieram instantaneamente:

“Por causa da televisão, que não deixa mais ninguém conversar em casa, é todo mundo grudado na novela, aí não tem tempo de conversar com os outros.”(J.O.S)

“As vezes eu acho que é porque não se gostam mais.”(M.N.T)

“Os homens são muito bruto, conversar com eles é mesmo que nada.”(M.S.S)

“Nós mulheres não temos mais tempo para o marido, e muitas vezes ele acaba arrumando outras”(R.N.M)

“Mas não é só por isso que eles arranjam outra, não.”(M.A.R)

“Nós mulheres aprendemos a só ouvir.”(C.T)

“Minha filha está sem falar com o marido há um mês. Ele sai para o trabalho quando volta vai dormir.”(M.D.S)

Sentia que o que cada uma falava é o que viviam, pois o sentimento presente na voz era muito real. Após toda uma discussão em relação à situação perguntei: “O que poderíamos fazer então para ser diferente?”. As respostas então foram saindo devagar, e delas fomos tirando as palavras articuladoras, ou melhor, a síntese do nosso encontro.

“Bem o que precisaríamos era ter **paciência**, tanto o homem quanto à mulher.”(M.D.B)

“Ter um **momento** para que a família conversasse, nem que fosse na hora da comida”.(E.F.F)

“Era bom **fazer coisas** que antes a gente fazia, por isso o amor vai embora, e acaba o diálogo”(M.A.R)

“Se o homem fosse educado para **respeitar** a mulher, e não para ser o dono dela talvez desse para conversar mais.”(M.M.A)

“Sabe também o que é que falta? É **Deus** no coração desse povo, as pessoas hoje não tem mais medo de pecar, e ficam brigando no casamento por qualquer coisa. Casou tem que ter paciência.”(J.F.F)

Ao resultado final chegamos ao consenso que ter paciência, respeito, Deus e um momento para fazer coisas, eram imprescindíveis para favorecermos o diálogo seja no nosso lar ou na nossa comunidade. Ficou claro que por mais que os indivíduos morem na mesma residência falta o contato, o diálogo, o cultivo de prazeres simples e necessários para uma relação a dois como, a comemoração de datas importantes, o carinho diário, quer seja um abraço ou um beijo na boca, o que está faltando e o que elas estão sentindo falta é de carinho, um sentimento tão necessário e imprescindível para a manutenção do amor ou mesmo de uma vida saudável.

Muitas mulheres se recusaram a falar, mas é aceitável visto que é o nosso primeiro encontro. A maioria falou das suas experiências, da vida real, e facilitou assim o debate, pois elas deslocaram o desenvolvimento da conversa para uma situação real. A ação sobre o meio foi evidenciada a medida que elas se disponibilizaram a falar, e mesmo de tentar de alguma forma saudável reverter o quadro que antes muitas achavam sem solução.

CONVERSANDO SOBRE CULTURA EM UM PASSEIO POR FORTALEZA

No dia 21 de setembro resolvi fazer nossa reunião mensal de uma forma diferente, um passeio onde visitaríamos pontos turísticos que contam um pouco da história cultural de Fortaleza. Nesse encontro não haveria as fichas de cultura pré-fabricadas, mas trabalharíamos a palavra geradora **cultura** através das cenas reais que iríamos vivendo.

A preparação para o passeio aconteceu da seguinte maneira, em uma reunião após a ginástica fiz uma votação para a escolha do local em que se daria o passeio, algumas queriam conhecer o mar(duas nunca tinham tido esse prazer, mesmo morando em Fortaleza há muitos anos) e as demais ansiavam conhecer pontos turísticos diversos, como a ponte metálica localizada na Praia de Iracema. Então resolvi que iríamos agradar a todas, fiz então um roteiro que passaria por todos os locais desejados.

Conseguimos o ônibus através de um candidato a vereador que estava realizando campanha na comunidade(ANEXO 8). Antes de aceitarmos a proposta colocamos para o grupo a liberdade que elas teriam de votar em quem elas quisessem independente da aceitação do ônibus. Não seria uma troca por voto.

Saímos as sete e meia da manhã do dia combinado, vinte e cinco mulheres participaram do encontro. No caminho nós cantamos(ANEXO 9), e cada uma falou o que esperava daquele dia. Alguns depoimentos foram importantes entre eles o de M.M.A:

“Espero ser bem feliz hoje, esquecer meus problemas, me divertir, tomar banho na praia. Nunca tive oportunidade como essa... tinha esquecido como é bom ser feliz e passear”.

Logo no início contei uma história que tinha aprendido desde criança e que já tinha me ajudado muitas vezes a vencer desafios. Era a história de uma águia que tinha sido criada como galinha desde pequena, e que não fazia outra coisa se não comer milho e ficar perto das outras galinhas. Um certo dia um viajante ao chegar nessa fazenda viu a cena e ficou perplexo, como podia uma águia, a rainha das aves, ficar ali e ser criada como galinha. Inconformado pediu ao homem que a desse em troca de algumas mercadorias, o qual foi prontamente atendido. Então ele a levou para o local mais alto da redondeza e em seu pico ordenou: “Veja o que te pertence, voe... voe...” Então quando os raios de sol bateram em suas asas e ela pode ver aquela imensidão, abriu suas asas e depois de soltar um som próprio da espécie, voou e ganhou o mundo. Quando terminei perguntei se alguém queria dizer a moral da história:

“A moral é que nós podemos tudo, basta apenas um empurrãozinho. E é o que nós estamos vivendo, antes a maioria das que estão aqui se sentiam velhas, no fim da vida. A senhora chegou para nos mostrar o que ainda podemos fazer”.(C.T)

“Estou me sentindo essa águia. Quando criança nunca tinha estudado na vida, não sabia nem ler. Tive oito filhos. Depois de um tempo vi que precisava estudar. Estudei concluí o primeiro grau. Alguns

filhos meus pararam por aí. Agora já estou concluindo o segundo e vou chegar a me formar. Me transformei passei de galinha para águia”(R.N.M).

A atualização passou a ser também percebida pelas próprias educandas, a transformação.

Na reunião anterior ao passeio pedi que todas elas pensassem em um nome para colocarmos em nosso grupo. Em nosso passeio vieram então as sugestões: FELICIDADE, CAMINHANDO COM CRISTO, CAMINHANDO PARA A VIDA, GRUPO DE MULHERES MARAVILHOSAS, entre outros. Dentre todas as sugestões a mais votada foi Grupo Especial de Mulheres de Antônio Bezerra(GEMAB).

Tivemos várias outras emoções à medida que o encontro ia se desenvolvendo. A nossa primeira parada foi na casa de José de Alencar(ANEXO 9). O tempo estava chuvoso, mas não atrapalhou em nada o nosso encontro.

Após todas conhecerem a história que rondava aquela pequena casa, nos sentamos sob uma grande árvore e iniciamos o debate sobre cultura, nada mais propício do que está na casa de José de Alencar e falar sobre cultura. Iniciei perguntando sobre o que significava está ali para elas:

“Estou me sentindo como sendo da família dele, vendo todos esses objetos que foram usados por eles na época, e estou também me sentindo importante por está aqui”.(M.M.A)

“Tenho vontade até de chorar de tanta emoção. Esse dia chuvoso, essa casa simples... me lembra até minha infância...”.(E.F.F)

“O mais importante é que a maioria de nós não conhecia isso aqui, tão perto de nós. A nossa cultura, os cearenses que fizeram sucesso... eu nem sabia que existia isso aqui”.(J.F.F)

Foi então que entrei no debate:

“E então o que vem a ser cultura que J.F.F falou?”.

“É a dança sertaneja... essa casa”.

“É o folclore”

“É o baião de dois, que nós vamos já comer”.

“Aquelas histórias dos livros”

“Bem se tudo isso é cultura então nosso passeio também é cultura. Nós somos culturais... (risos)”.

Depois de muita discussão e como a chuva estava aumentando, chegamos então a uma conclusão de que dança sertaneja, folclore, baião de dois, as histórias dos livros, nosso passeio tudo isso fazia parte da cultura do nosso povo, e ainda que tudo era cultura.

Uma das coisas mais interessante que ocorreu através do debate foi o incentivo a pesquisa, a leitura, a vontade de saber que provocou nos participantes:

“Quais foram os livros que ele escreveu? Ah! Agora eu vou ler algum livro dele”.(J.F.F)

A oportunidade que o método nos concede em criar sobre ele sem é claro ferir a metodologia principal é incrível. “Sempre é possível criar sobre o método, inovar instrumentos e procedimentos de trabalho” (4,27).

Fomos então conhecer no centro da cidade a catedral metropolitana. Elas entraram fizeram suas preces, e seguimos em direção ao novo mercado central(ANEXO 10). Nessa altura todas se encontravam com as roupas totalmente ensopadas pela chuva, mas isso era motivo de diversão:

“Meu Deus há quanto tempo eu não tomo banho de chuva”.(M.S.D.M)

“Acho que eu só tomei banho de chuva quando era criança”.(M.D.B)

Acho que a única pessoa que não estava se divertindo com a chuva era eu, tinha medo que elas caíssem, pegassem pneumonia, mas me controlei porque a única coisa que elas não queriam

naquele momento era alguém controlando a alegria que estavam sentindo.

Sáimos do mercado direto para a praia (a chuva continuava). Conseguimos através de uma marmitaria que o almoço de todas fosse entregue na praia. Algumas mulheres levaram roupa de banho, e outras tomaram banho com a roupa que já estavam, a chuva já tinha molhado todas. O mar estava calmo, sem ondas. Como era uma terça-feira e não tínhamos feito nossa ginástica como de costume, fizemos então um alongamento na beira da praia demos nosso abraço grupal e como não poderia faltar dançamos forró(ANEXO 11).

E.F.F uma das mais idosas do grupo tomou banho de roupa, a alegria era contagiante e emocionante, parecia uma criança, rolava nas ondas e na areia, sem importar-se com as pessoas que passavam por perto. Quem não quis entrar no mar ficou nas mesas da barraca protegendo-se da chuva. Após o almoço descansamos um pouco na areia da praia, já que a chuva tinha cessado.

Esse passeio serviu-nos também para o exercício da convivência harmoniosa, para expandir o campo perceptual e ainda de suprir a necessidade de compreender.

O último local que visitamos foi a famosa ponte metálica. Fomos saudadas pela visita de golfinhos no mar sob a ponte, que abrilhantaram o fim de nosso passeio. Terminamos o nosso passeio com o abraço grupal e uma estrondosa "VIVA A VIDA".

É importante mencionar aqui um fato que aconteceu dois dias após a realização do encontro que evidenciou a importância do passeio para a saúde mental das mulheres. No dia 23 de setembro estava em uma visita rotineira na área quando me encontrei com M.M.A cantarolando pela calçada. Quando me viu, abraçou-me, beijou-me e disse:

"Aquele passeio foi mágico. Quando cheguei em casa já vi tudo diferente, mais bonito, não era a mesma coisa, até meu velho vi com outros olhos, tive saudade, vontade de abraçar. Agora sou outra pessoa, a tristeza foi embora, o próximo vou leva-lo também, e sabe que agora ele até me pede para eu ir para a ginástica, tá vendo que eu estou perdendo peso".

LIBERDADE X NÃO- LIBERDADE

No dia 03 de outubro nos reunimos para nossa reunião mensal, compareceram 25 mulheres. A palavra geradora de nosso encontro era **Liberdade**. Como o método permite variações da forma, não utilizei as fichas de Cultura previamente. Pelo contrário coloquei várias revistas no meio do Círculo pedi que cada uma pegasse a sua e ainda que individualmente elas escolhessem entre as inúmeras páginas da revista gravuras que representassem para ela o que viria a ser liberdade e o seu oposto, não liberdade. Colei então duas folhas separadas de papel madeira na parede e intitulei em uma "Liberdade" e na outra "não-liberdade".

Depois que todas já estavam com suas gravuras em mãos, pedi então que elas explicassem o porque da figura e colassem então na parede, e assim foi feito.

M.M.A iniciou:

"Bem eu escolhi essa moça de **biquíni** como sendo a minha liberdade, **não ter vergonha de nada**, o corpo a mostra sem vergonha de ninguém, é linda... e eu escolhi essas com **crianças aqui chorando fome** como não liberdade, parece que estão na guerra, então não são livres."

"Eu escolhi esse navio como liberdade, poder **viajar** para bem longe..e essa moça de **biquíni** como não-liberdade, falta de vergonha, liberdade não é sem-vergonhice."(M.S.L)

"Esse senhor com o microfone na mão é a liberdade, você **falar tudo** que quer em voz alta, e a não liberdade é a **panela vazia**, você não ter dinheiro para comprar comida."(M.A.R)

"Eu escolhi esse monte aqui de mulher para representar a gente no dia do **passeio**, é a liberdade. Eu nunca fui tão livre, dançar conhecer a cultura da cidade, as praias....E esse homem atrás das **grades** de não- liberdade"(R.R)

"Minha liberdade é esse aqui, esse **beijo na boca**, ai que gostoso, faz tempo que eu não dou um desses, mais vou dar(risos). E essa **favela** foi a minha não liberdade, porque como é que a gente tem liberdade assim, morrendo de medo que o barraco caia, os filhos com fome." (M.D.B)

“Ah! Pois eu coloquei esse beijo na boca como não liberdade, ficar beijando assim na frente de todo mundo eu acho que não é ter liberdade é libertinagem. Não achei nada de liberdade.”(M.N.T)

Depois de todas terem falado e colocado as figuras na parede, escrevi em cada figura a palavra que significava cada uma, assim: o casal se beijando coloquei beijo na boca, para facilitar a discussão. Depois pedi que alguém lesse em voz alta as duas colunas, foi então que elas começaram a notar que muitas coisas representavam a liberdade da maioria, como viagem, pessoas sorrindo, e o mais importante elas viram que algumas coisas que representavam a liberdade de umas eram representadas para outra como uma afronta uma não liberdade.

“A liberdade de uma pessoa talvez não seja a mesma minha. Então é preciso saber respeitar.”(M.A.R)

Esse encontro foi cheio de surpresas, primeiro porque elas não necessitaram que eu falasse, fazendo perguntas ou mesmo incentivando o grupo. Elas desenvolveram a discussão de uma tal maneira, que ficou fácil a síntese. O processo de atualização foi evidente no desempenho que tiveram, e ainda o avanço ao nível de discurso, das palavras utilizadas, na retomada de assuntos anteriores como da cultura. A medida que elas foram dando forma ao papel colocado na parede, foram suprimindo a necessidade de produzir e isso facilitou muito mais o rendimento do grupo. O desenvolvimento da relação calorosa que foi sendo intensificada durante os encontros foi fator de grande importância, pois passaram a não mais ter vergonha de errar, visto que todas estavam em busca de um mesmo objetivo, o crescimento pessoal.

DISCUTINDO SOBRE SEXUALIDADE

No dia 7 de novembro com o intuito de discutir sobre SEXUALIDADE tivemos um novo encontro com as mulheres que compõem o GEMAB. Foi realmente minha intenção que esse encontro fosse o último, devido ao fato de que elas já tinham assimilado a estratégia do Círculo, e isso as deixariam mais a vontade para a discussão. Iniciando apresentei uma ficha de

cultura onde aparecia um homem e uma mulher fazendo sexo, a reação foi imediata: “Uhh!”, “Vixii!”, “Valha-me Deus”, “Uau!”, “Ô bicho bom!” e outras expressões que demonstravam além da vergonha, o desejo que elas possuíam em falar sobre o tema. Após a ficha passar de mão em mão, perguntei o que significava a figura, as respostas passaram a ser dadas ao mesmo tempo:

“Ora, é um casal fazendo sexo..Ah! Faz um tempão que eu não faço isso(risos geral), sinto uma falta...”(M.D.B)

“Mas teu marido não gosta da fruta não?”(M.N.T)

“Acho que não gosta mais.”(M.D.B)

“E tu vai atrás?”(C.T)

“Eu não, se quiser ele que venha, subo nas paredes, mas não vou..(risos)”(M.D.B)

“Pois eu não quando eu quero, vou atrás..”(M.N.T)

“Não sei pra quê velha querendo isso...Eu não sinto a menor falta.”(M.S.L)

“Quando a gente fica velha a gente vai perdendo a vontade.”(J.O.S)

“Só se for tu, eu não perdi.”(M.I.S.V)

“Depois da menopausa eu fiquei fria. Fiquei seca por dentro. O homem lá em casa diz que foi a ligação que eu fiz.”(T.S.C)

“Mas eles também não estão com essa bola toda não, a idade também pesa para eles também. Nós envelhecemos, mas eles também envelheceram.”(M.A.R)

Foi então que perguntei:

“Mas vocês fazem carinho como antes nos maridos ou nos namorados de vocês? Vocês abraçam, beijam, namoram no

dia que fazem aniversário de casamento? Será que também vocês não deixaram para lá o carinho, o chamego?"

Ouve um momento de silêncio e então:

"É, eu não lembro mais nem quando foi a última vez que eu dei um beijo nele. A data do casamento eu só sei por que enfim... mas eu não comemoro.."(M.D.B)

"O carinho que eu faço é cuidar dele, fazer a comida, lavar a roupa....Poderia ser mais, mas já tô velha pra isso."(J.O.S)

"Mas tem coisa tão boa quanto o sexo, carinho todo mundo gosta...."(J.F.F)

"Era bom se também existisse um grupo de homens, para eles aprenderem como é que se trata as mulheres.."(M.D.B)

Mais uma vez falei:

"Mas o que é dito aqui pode ser repassado em casa para o marido, conversem com eles, digam de que vocês gostam, do que precisam, e perguntem também o que ele gosta, do que precisa, do que sente falta, quem sabe as coisas não mudam.."

"Eu não tenho coragem de falar desses assuntos com ele não. E se ele nem ligar, ele vai me chamar é de "assanhada""(T.S.C)

Perguntei:

"Então quais as atitudes que vocês acham que deveríamos tomar para mudar essa situação, e que poderíamos colocar em prática, já que essa situação é tida como um problema para muitas de vocês?"

"Poderíamos traze-los para a ginástica, aí com as nossas conversas iria amolecendo o coração deles."(M.I.S.V)

"Porque então você não forma um grupo de homens?"(M.D.B)

“Acho que para mudar os nossos maridos é difícil, mas poderemos tentar com nossos filhos, netos...nossas filhas.”(E.F.F)

“Olha, acho que alguma coisa já estamos conseguindo, pelo menos com meu marido, pois antes ele não deixava eu sair para nenhum canto, achava até que era besteira eu vir para o grupo, hoje ele até me dar força...o resto acho, agora eu acredito que vou conseguindo aos poucos, conversando, fazendo com ele o que eu queria que ele fizesse comigo, e assim vai.”(S.R.M)

O silêncio tomou conta da sala. Era hora de parar, o assunto é polêmico principalmente porque falar tudo que tinham falado na frente de todas era algo que eu não esperava que elas fossem conseguir, mas sentiram-se a vontade no grupo. Muitas delas ficaram em silêncio e prestavam muita atenção, fazendo gestos com a cabeça de reprovação ou negação, foi a forma que as mais tímidas encontraram de participar. As respostas ingênuas que caracterizaram o início do debate foram evidenciadas principalmente pela incapacidade de produzir um comportamento que favorecesse a mudança de atitude pelo parceiro. Alguns comentários feitos deixaram claro o abandono do homem pelo serviço de saúde. Os programas não tratam ou falam desta problemática: Ser homem. Ficamos então de tentar envolver mais homens em nossas reuniões semanais e em nossas comemorações, para tentarmos aos poucos atingir essa parcela da população.

O processo de atualização nesse encontro foi evidenciado principalmente pelo abrir-se à experiência e ação sobre o meio em que vivem.

4.4- RITUAIS EM GRUPO

Com a finalidade inicial de propiciar momentos para a descoberta do universo vocabular, combinamos de realizar e comemorar as datas comemorativas do ano como: festa junina, dia das crianças, natal, etc.. Mas com a vivência da experiência pude notar que muito mais que expandir a descoberta do universo vocabular os rituais passaram a ser necessários devido a criação

de um ambiente propício para a relação heurística, calorosa, valorização da cultura, cidadania e lazer.

A FESTA JUNINA

No dia dezesseis de junho, comemoramos juntamente com um grupo de idosos coordenado por duas outras equipes que trabalham na mesma UBASF, a festa junina. Cada participante encarregava-se de levar comidas típicas para serem consumidas pelos presentes. O nosso grupo de mulheres, em especial estava no início de nossa formação, mas mesmo assim, nos reunimos e decidimos participar. Como o local escolhido para a realização da festa ficava do outro lado de uma grande avenida que corta o bairro já referido, então combinamos, que as pessoas com problemas de deambulação ou de qualquer outra natureza seria transportada no veículo da UBASF. E assim ocorreu. Já no local foi formada uma grande quadrilha onde todas participaram, levadas pelo som ao vivo de um músico que concedeu seu talento à festa tocando músicas juninas e muito forró. Houve o desfile intitulado “Desfile da matuta”, onde algumas mulheres desfilaram e através de aplausos foram sendo escolhidas as mais desinibidas. Ao final todas nós dançamos forró. Foi uma tarde diferente e divertida, que também serviu para tornar mais forte os laços de amizade entre as educandas, e ainda para dar continuação ao Círculo de Cultura:

“Reuniões costumeiras podem ser aproveitadas para a pesquisa: rezas, festas, folganças dos moços do lugar...”(5, 1985)

Alguns comentários tiveram bastante importância para mim como animadora. T.S.C uma senhora já mencionada relatou:

“Eu nunca tinha dançado na vida, nunca fui a um forró, agora depois de velha... ou melhor, depois de mais experiente (referindo-se ao comentário feito por mim, em uma ocasião em que disseram que eram velhas) estou dançando, adorei. Obrigada, obrigada”.

O sentimento de gratidão foi tão grande que não pude falar nada, do tipo: “Olha não fui eu que proporcionei isso, foram

vocês que nos deram a oportunidade de realizar tal evento...” Tive medo de ferir, não sei acho que naquele momento era importante para ela saber que existia alguém fazendo algo por ela, me emocionei. A satisfação da necessidade de amar e ser amado é talvez uma das que provoque uma sensação mais duradoura, devido ao seu caráter de reciprocidade.

M.S.S uma senhora de 46 anos, uma das mais necessitadas do grupo, possui um marido conhecido como S. C.(acompanhado pela nossa equipe através das visitas domiciliares) um sequelado de avc, não fala, anda com muita dificuldade, e há aproximadamente um ano e meio foi cortada sua aposentadoria, que contituía-se como o único ganha pão da família. Atualmente vive da generosidade dos moradores do bairro. E ainda possui um filho de 12 anos com problemas mentais. Conseguimos levar toda a família para a festa, inclusive S. C. No momento da despedida ela comentou:

“Ai, foi jóia. Desde que o S.C. tá assim que a gente não saía. E olha que faz tempo...Vou ficar lembrando desse dia amanhã quando começar a batalha.”(a batalha que ela se referiu foi o cotidiano da vida diária)

A FESTA DAS CRIANÇAS

Depois de arrecadarmos o bastante para a realização da feira, passamos a decidir em que local o faríamos. Escolhemos um Centro Comunitário localizado em um bairro próximo a Antonio Bezerra, formado basicamente por favelas, chamado de Conjunto São Francisco, onde uma das educandas conseguiu a liberação. Venderíamos as peças a um preço simbólico assim também estaríamos ajudando a população carente daquele bairro.

Com a ajuda da SERIII (Secretaria Executiva Regional) colocamos um carro de som circulando dentro da comunidade dois dias antes, avisando o local e a hora que seria realizada a feira.

No dia 06 de outubro nos reunimos na casa de C.T. para separar as roupas que precisavam de concerto e limpeza. Um grupo separou as roupas, outro fez os concertos necessários, e um outro passava o ferro para dar um novo visual. Os preços variaram entre Cr\$ 0,10 a Cr\$ 2,00. Às hs: 14:00 demos início ao bazar.

Conseguimos vender quase todas as roupas, algumas pessoas do grupo compareceram ao local, quer fosse para ajudar, ou mesmo para comprar.(ANEXO 12)

No dia seguinte, com o dinheiro apurado, compramos os brinquedos, e por intermédio da SERIII conseguimos mais 150, entre bolas, bonecas, carros, etc. O local escolhido para entrega dos presentes foi a favela dos plásticos localizada no Quintino Cunha, onde pessoalmente já conheço os problemas, pois são pessoas que freqüentam a UBASF. Local carente, formado majoritariamente por crianças. Devido à quantidade de brinquedos, resolvemos que só receberiam as lembranças, crianças a partir de um ano de idade a menores de 10 anos.

No dia 11 de outubro conseguimos a permissão de uma senhora já conhecida pela equipe para fazermos a entrega dos presentes em sua casa. Houve tumulto, apareceu mais criança do que o estimado, mas apesar de tudo foi um sucesso. As mulheres do grupo que não puderam acompanhar a entrega nos esperaram ansiosa na comunidade para saber o resultado de tanto esforço.

A satisfação da necessidade de produzir alcançada através dessa atividade age de forma a favorecer o processo de crescimento do qual todo o grupo está fazendo parte: "É a própria vontade de se sentir útil e capaz que atua favoravelmente para o crescimento". (27, 1979)

A FESTA DE NATAL

Após a realização da festa das crianças, continuaram chegando doações de roupas e sapatos. Nos reunimos e decidimos que continuaríamos recebendo e que por fim faríamos outras feiras de usados, agora no intuito de realizarmos uma festa para a comemoração do Natal, o primeiro Natal do GEMAB. Seguimos os mesmos procedimentos anteriores, aprontamos as roupas, colocamos os preços e realizamos cinco feiras. A primeira novamente foi realizada no Conjunto São Francisco, as outras quatro foram realizadas no portão externo(calçada) da quadra onde realizamos nossa ginástica. Queríamos realizar uma bela festa de Natal.

Com o dinheiro apurado, contratei os serviços de um *Buffet* para realizar um almoço. Consegui através da responsável pelo

Centro de Convivência, que a festa fosse realizada em um local coberto que também faz parte do local. Além da contratação do *Buffet*, restou uma quantia que nos concedeu a compra de alguns presentes para serem sorteados na ocasião, isso ocorreu no mais absoluto sigilo, eu queria fazer uma surpresa para as mulheres já que isso não estava nos nossos planos.

No dia quatorze de dezembro aconteceu nossa festa(ANEXO 13), decoramos o local com fitas, mesas, cadeiras, toalhas brancas, flores e não poderia faltar a árvore de Natal com presentes, acompanhados de cânticos natalinos. As convidadas de honra começaram a chegar na hora combinada, hs10:00, todas muito bem arrumadas. Convidamos também para a comemoração algumas pessoas que nos acompanharam durante todo o ano, S. A. e F.A.M. Tivemos ainda a presença de duas estudantes de enfermagem e de um vereador eleito que já nos tinha ajudado em uma outra ocasião, que as presenteou com duas cestas básicas para sorteio.

Iniciamos nossa comemoração com uma oração, logo após uma das participantes realizou um jogral natalino com todos os presentes, encerrando com um hino, Noite Feliz. F.A.M. pediu a palavra e falou sobre as conquistas do ser humano e em especial da mulher, acompanhado por S. A. que agradeceu ao grupo por terem o acolhido tão bem.

Logo após o almoço fiz o sorteio de todos os presentes, tive um certo receio de não poder dar presentes para todas com medo que elas não entendessem, mas para minha surpresa, veio a resposta:

“Nosso presente já foi essa festa linda.”

Como é de costume demos nosso abraço grupal, e dançamos muito. A cada momento que passamos juntas posso evidenciar o processo de atualização em andamento. A autenticidade com que agora elas se exprimem, a empatia que desenvolveram comigo e uma com as outras, tudo isso são provas que demonstram o crescimento do grupo.

Conseguimos por todos esse encontros desenvolver três tipos de relação: Calorosa, co-operativa e heurística.

O DESPERTAR DA SOLIDARIEDADE HUMANA- A AJUDA DO GRUPO A MORADORES DA COMUNIDADE

Durante a realização de uma visita domiciliar na comunidade pude perceber uma situação que me motivou a organizar o grupo de mulheres para tentarmos resolver o problema encontrado: V. uma jovem senhora, mora sozinha com quatro filhos, o mais velho, adolescente envolveu-se com uma turma que pratica assaltos e utiliza drogas, a única filha tem paralisia cerebral e passa a maior parte do tempo sem roupa em cima de uma colchão(sem nenhuma coberta) vale salientar que está na puberdade e as alterações naturais dessa faixa etária estão começando a aparecer como, presença de pêlos pubianos e aparecimento de seios. Os outros dois filhos estão na idade escolar, mas apenas um está na escola. Viviane vive sem nenhuma renda e sobrevive através da ajuda de vizinhos. Durante a visita constatamos uma hérnia já em estágio avançado, precisava então que V. fosse submetida a uma cirurgia, mas para isso necessitaríamos da ajuda de algumas pessoas para ficarem com as crianças. Levamos então o caso para o grupo de mulheres e chegamos a um consenso, mobilizaríamos a comunidade para arrecadarmos mantimentos e roupas, e entraríamos em contato com sua vizinha para que ela pudesse ficar com as crianças. E assim foi feito. Ao final de uma semana, conseguimos muitos mantimentos, roupas, calçados, toalha, roupa de cama. Concomitante a estas atividades inicia na UBASF a solicitação de exames necessários à realização da cirurgia.

A arrecadação superou as nossas expectativas, como no grupo também tínhamos M.S.S. que estava passando necessidade resolvemos também ajudá-la.

No dia 21 de setembro, uma comissão formada por nove pessoas, visitou a casa de V., ao chegarmos elas pediram para fazer uma oração e logo após fizeram a entrega do material. Fomos então para a casa de S.C. que não esperava a nossa visita. Quando nos viu, não entendeu o porque de tanta gente em sua casa, pois geralmente apenas a equipe é que faz parte da visita domiciliar mensal. Quando as mulheres entregaram as doações, S. C. e M.S.S. se emocionaram.

Após toda essa ajuda ainda houve sobra de roupas e sapatos, mas estando próximo o Dia das Crianças, resolvemos continuar mobilizando a comunidade para arrecadarmos mais mantimentos e por fim realizarmos uma feira de usados em prol da festa das crianças. A casa de C.T ficou sendo o ponto de apoio para a arrecadação.

Toda essa mobilização também favoreceu o crescimento do grupo, pois a união, o próprio sentimento de sentir-se útil e de produzir, a satisfação da necessidade de amar e fazer bem ao semelhante são fatores importantes na atualização do indivíduo.

5- DEPOIMENTOS E ANÁLISE REFLEXIVA DOS RESULTADOS

Após encerrarmos nossas atividades no ano de dois mil, tive que tirar quinze dias de férias onde nesse período não houve encontro do GEMAB. Escolhi colher os depoimentos da importância dos encontros na vida das mulheres que participaram do GEMAB, após meu retorno, queria também sentir como elas reagiram durante esses dias de distancia após sete meses de convivência e encontros semanais. Os depoimentos foram colhidos de forma individual. Como a maioria das participantes comparece regularmente as consultas agendadas para o controle de hipertensão e diabetes, aproveitei a oportunidade de estar a sós com elas ou com seus familiares.

Os depoimentos assemelharam-se quanto ao seu conteúdo, palavras como mudança/transformação, liberdade, amizade e saúde apareceram nas falas. Utilizei Yves Saint-Arnauld e Paulo Freire para fazer uma reflexão teórica dos depoimentos, seus conceitos se completam. Enquanto Yves constrói a relação do homem com o homem(eu), Freire trata da relação do homem com o mundo/realidade.

“Depois que surgiu o grupo, passei a me interessar em sair de casa, **estou menos tímida, morria de vergonha** até de falar com você. Meu marido não gostava que eu fosse no começo, acho que porque ele ficava só, agora ele acha é bom para mim, **ele sabe que me faz bem**. Tenho um filho que é professor e ele me dá a maior força. Tô mais disposta, minha pressão só vivia nas alturas agora nunca mais subiu. Arranjei muitas amigas, antes eu só conhecia minhas vizinhas, ontem mesmo fui passear com minha cachorra e quando passei por uma rua que não conhecia ninguém ouvi alguém me chamando eram três mulheres do grupo e passamos muito tempo conversando. Estou caminhando todos os dias e fico só pensando na terça-feira para que a gente se encontre. Ai eu adoro...Foi uma dádiva de Deus esse grupo.”(R.R)

“Depois que entrei no grupo me sinto mais feliz, alegre, também eu **não tinha nenhum divertimento**, minha pressão era alta. Depois que entrei no grupo minha pressão não aumentou mais, baixei meu peso e **me sinto feliz, livre**...Esses dias que não houve ginástica **fiquei desolada**, com tanta saudade...**mas continuei a caminhada**, e agora

temos tantas amigas que quando dá saudade nos vamos conversar,”(M.S.D.M)

“Bem eu comecei a ir por causa de minha mãe para acompanhá-la, mas os encontros começaram a me fazer tão bem que passei a fazer parte do grupo. Falo para as minhas vizinhas do bem que esses encontros me fazem. Antes eu não tinha tempo para nada, só para os afazeres de casa agora eu **tenho a minha hora**, cuido de mim e não deixo por nada. Adoro nossos encontros. Só acho que uma vez na semana é muito pouco(risos). **Sabia que eu sou outra mulher?** Meu marido tem outra mulher e fica comigo e com ela, e eu nunca conseguia me impor, mas agora eu tenho coragem de falar o que eu quero, quando não estou a fim de ter relação eu não faço, porque antes mesmo sem vontade eu fazia.Passei a me dar mais valor. Avia se esse grupo acabar. A minha mãe só vivia com depressão, tomava remédio controlado para dormir, e hoje nem precisa mais, está mais alegre. ” (M.A.R)

“Entrar nesse grupo mudou muita coisa na minha vida, eu não saía para canto nenhum, não era porque meu marido não deixava não, era porque eu não tinha a menor vontade, nem todas as minhas vizinhas eu conhecia, e agora respeito...Deus botou vocês no meu caminho. Eu tenho pressão alta a muito tempo e nunca fazia caminhada, agora todos os dias eu faço, minha pressão não subiu mais, meu peso baixou, estou me sentindo tão bem, **cheia de amigas**. Tomara que não acabe nunca o grupo, ele nos ajuda muito.”(A.R.L)

“Antes do grupo eu não saía para canto nenhum, porque **meu marido não deixava**, tinha ciúmes, quando meus meninos eram menor ele só me deixava sair se eu levasse todos os meninos, aí eu acabava não indo, era muito menino, depois quando eles cresceram, aumentou o ciúme, e também perdi a vontade de sair. Eu era triste, quase não tinha amigas, depois que entrei no grupo mudei muito, fiquei cheia de amigas, com mais disposição, e ele notou isso. Hoje em dia ele passou a também fazer caminhada, e quando ele chega na terça-feira e vê que eu não estou pronta para ir para a ginástica ele diz logo, “**Não vai hoje não?**”e fica até com os netos para que eu possa ir.”(S.R.M)

“Foi uma coisa boa, me sinto muito bem. Nunca tinha feito física. Há mais ou menos vinte anos atrás levei uma queda e caí sentada, dei um jeito na minha coluna, e ela ficou torta, nunca mais fiquei boa. Sentia dores desde então e com as físicas essas dores diminuíram muito. Minhas filhas viram o bem que os exercícios me fizeram então elas me incentivam a ir. Eu tenho essa idade, mas

adoro andar, me movimentar. Aquele **passeio foi mágico**, conheci coisas que eu não conhecia. As coisas que a gente conversa no grupo...sexo não é mais para mim, mas passei a advertir meus netos e netas. Eu vou continuar indo até não poder mais andar. É uma **segunda família** que eu tenho.”(E.F.F)

“O grupo em primeiro lugar ajudou na minha saúde, meu marido tem plano de saúde, mas nunca senti apoio e amparo com os outros profissionais, A intimidade que temos com vocês é ótima, nos mostra que somos iguais. Foi uma dádiva, já perdi três quilos, me sinto mais bonita, diminuiu meus seios, e era o que eu tinha mais vergonha e meu marido passava o tempo todo **dizendo que eu era gorda e que os meus seios eram grande demais, agora eu me cuido**, faço a ginástica, caminhada e tomo cuidado no que como. Até fazer relação antes doía, acho que era porque eu não tinha muita vontade e agora não dói mais, acho que foi porque ele parou de dizer as coisas. Sabe doutora Mônica, até minha netinha mudou, antes ela não comia beterraba e nem tomava remédio, agora quando ela sabe que foi a senhora que pediu ela come tudo. No dia do passeio eu me senti tão bem, não sei nem explicar, foi uma coisa tão boa, quando voltei até minha casa estava diferente, olhei meu quintal e tive vontade de chorar de felicidade, parecia que eu estava em uma casa que já morei e gostei muito. Que passeio! Às vezes eu fico me lembrando da casa de José de Alencar, que local lindo, calmo e eu fico voltando ao passado imaginando como deveria ser bom morar ali no tempo dele, sem violência, hoje a nossa vida é diferente a gente tem medo até de sair na rua, não temos muita liberdade, mas o grupo também me **trouxe um pouco dessa liberdade perdida**. E as amizades? Tinha muita gente aqui da rua mesmo que eu só conhecia de vista, agora nos aproximamos, ficamos como irmãs. Sabe, eu nunca dancei, e lá no grupo é uma das coisas que eu mais gosto de fazer, quando agora eu escuto uma música dá logo vontade de dançar. Quando eu chego lá é vejo todo mundo me dá uma alegria. Só não gosto de uma coisa é porque vocês me chamam de Dona M., aí eu **me sinto velha...**”(M.M.A)

“Ah! Eu adoro estar lá no grupo, conheci muita gente, somos agora amigas. Eu era muito triste, tinha dias que eu me sentia tão triste, uma angústia no peito, me sentia só...e agora eu não sinto mais. Meus filhos vendo que eu melhorei me mandam é eu ir. A minha pressão melhorou, era muito alta, também eu não fazia exercícios, agora me sinto mais disposta. Os meus únicos passeios era ir ao médico, ir a missa, e agora eu não perco um encontro, só não vou

quando realmente não posso. Aquele passeio que fizemos eu não esqueço nunca, tomara que tenhamos outros.” (J.S.P.)

“Foi uma benção este grupo, a ginástica, conhecer outras pessoas, conhecer vocês do posto, passei a me sentir segura estando perto de vocês e saber que podemos contar com vocês(choro). Eu já era diabética mas antes do grupo eu não tomava remédio, agora tomo direitinho, faço minha caminhada, me sinto mais animada. Os meus filhos me incentivam muito para que eu vá, fazem até me lembrar o dia que eu me esqueço, por causa dos afazeres de casa.” (J.F.F)

“Sabe eu não tenho nem explicação para dizer o que significa esse grupo para mim. Foi a coisa mias linda que me aconteceu. Eu só comecei a ser gente agora, antes quando o S.C. (marido) era bom(sadio) eu não vivia, ele era tão chato, tudo ele queria na hora e do jeito dele, eu nem suspirava. Depois que ele ficou doente aí que eu não podia fazer nada mesmo porque tinha que cuidar dele e dos meninos, e esse grupo apareceu para me levantar, eu era muito tímida, tinha muita cerimônia de falar as coisas, agora aos poucos estou mudando, converso com minhas novas amigas, que quase eu não tinha. Ele ainda tem ciúmes e não gosta as vezes que eu saio, mas **agora eu saio assim mesmo**. Só que era para a gente se encontrar no mínimo duas vezes na semana.” (M.S.S)

“O grupo é a coisa melhor do mundo. Achei Deus e Nossa Senhora. Eu não fazia nada com essa minha pressão alta e minha dores no corpo, agora tenho saúde. As ginásticas me ajudaram muito, perdi peso. Fiquei muito amiga de algumas pessoas, conheci outras. Quando chega a segunda já fico só pensando na terça-feira. Quando chego lá com problemas conto para minhas amigas e saio de lá mais leve. Em casa melhorou muito, passei a ser **mais amiga do meu marido**, e ele acabou melhorando comigo também, ele antes achava ruim quando eu ia, dizia que eu ia rezar para o cão, agora ele não diz nada. Mas em relação ao sexo, eu continuo com vontade de fazer, mais não vou atrás, ele não compra meus remédios, então eu também não vou dar esse gostinho a ele.”(M.D.B)

“A diferença maior que eu senti foi na minha saúde. Eu sentia dor no corpo, eu era pesada, e agora não sou mais e nem sinto dor no corpo. Faço minhas caminhadas e meus exercícios. Adorei as amizades que eu fiz, hoje já **consigo falar sobre sexo**, antes morria de vergonha, nunca tinha nem feito exame de prevenção de câncer, e depois com a senhora eu fiz, mas foi porque foi com você. Ah! Eu adoro quando

me chamam de bailarina, porque me sinto amada e querida pelo grupo.” (M.S.L)

“Antes do grupo eu não fazia nenhum exercício e me sentia muito quebrada, com dores pelo corpo. Agora faço exercícios e até caminhada nos outros dias também. Na saúde eu me sinto mais disposta, leve, sem dores nas juntas que antes eu sentia. As amigas que eu já tinha ficaram mais fortalecidas e minha filha um dia desses disse para mim, que eu parecia uma moça nova andando com outras amigas e fazendo ginástica. A minha família toda me estimula. As nossas palestras foram proveitosas, eu senti melhora dentro de mim, **passei a me conhecer mais.**” (M.N.G.P)

“Antes do grupo eu caminhava esporadicamente, e agora eu tenho devoção para fazer caminhada, me sinto mais leve, aliviou as dores nas minhas articulações. As conversas que tivemos foram ótimas. Meu marido no início tinha repressão e agora ele me estimula, e me ajuda todos os dias, meu convívio agora está ótimo. No dia do passeio ele me deu bronca para não ir, mas eu só deixei de ir porque adoeci. Minha família percebeu a minha disposição e interesse em continuar no grupo e com isso eles me ajudam e me estimulam. E o bom também, foi que conhecer outras pessoas me deu segurança.”(M.T.E.S)

“O grupo é muito bom, ótimo. Ele melhorou minha mentalidade e minha saúde, hoje me sinto muito mais segura, aumentei meu ciclo de amizade e faço até caminhada nos outros dias também. Até minhas pernas e costas melhoraram, pois me acordava com uma dor imensa e agora não sinto mais. A minha família graças à Deus é muito unida, mas houve até diminuição dos conflitos que haviam. E ainda mais que o relacionamento com vocês do posto passou a ser melhor do que já era, criamos vínculo. Eu adoro aquelas palestras da gente, só que as nossas reuniões deveriam ocorrer com mais frequência para quebrar a rotina do dia-a-dia. Tive a oportunidade de conhecer lugares que eu não conhecia e almoçar na praia? Eu nunca tinha feito isso.”(C.T)

“O nosso grupo é maravilhoso. Para minha saúde estou com mais energia, menos dores, pois estou conseguindo fazer exercícios nas pernas que antes eu não fazia, estou até com mais disposição para os afazeres de casa. Meu velho me manda fazer os exercícios na terça, e até está me ajudando em casa para que eu consiga ir. Aquela nossa **conversa sobre sexo foi ótima e me ajudou bastante no convívio**

com o meu marido, já existia união, mas melhorou mais ainda. Em casa até meus filhos perceberam a minha melhora.”(J.O.S)

“Aparecer o grupo foi ótimo para minha vida. Eu só ficava dentro de casa, pois não conhecia muita gente aqui no bairro, mesmo já vivendo aqui há muitos anos, e agora eu tenho muitas amigas e converso bastante. Aquela conversa sobre sexualidade foi muito boa para que eu pudesse me conhecer melhor, mas em relação ao meu marido não mudou muito, porque dormimos em casas separadas, na verdade meu marido não me liga, e eu vivia na solidão, mas agora estou mais liberta e segura por saber que tenho outras amigas que se preocupam comigo. Meus filhos e netos me incentivam muito para que eu continue no grupo. No passeio eu conheci muita coisa que eu não conhecia ainda e tomei banho de mar, coisa que eu nunca tinha feito.”(M.N.T)

“Eu adoro o meu grupo. Eu tenho pressão alta e não fazia exercícios, mas também fazer exercício sozinha é muito ruim. Agora eu me sinto mais leve, diminuiu minhas dores e minha pressão melhorou. Eu precisava disso, em casa eu tenho muitos problemas com meu filho e com meu marido e eu ficava triste. **Era louca para falar sobre sexo com alguém mais tinha muita vergonha.** Meu marido não gosta que eu vá para canto nenhum, mas ele sai de casa o tempo todo. De primeiro eu ficava em casa, mas agora, eu saio também e não deixo de ir para o grupo por nada. Eu adoro as festas que a gente faz, aumenta a união.”(T.S.C)

A ação sobre o meio foi evidenciado em todos os depoimentos. Tanto Yves quanto Paulo Freire utilizam esse conceito, enquanto que o primeiro entende o meio como espaço físico, químico, cultural e individual, Freire o utiliza para designar uma transformação criativa da realidade, tendo o meio como um espaço coletivo. Para as mulheres essa transformação ocorreu tanto em termos individuais, como no coletivo. Muitas passaram a mudanças de hábitos para a melhora de seus níveis pressóricos, passaram também a adotar certas atitudes com os seus companheiros que culminaram na aceitação dos mesmos perante as reuniões semanais e mensais e na melhora das relações dentro do grupo familiar, transformando até os filhos em incentivadores da continuação do GEMAB. Para os companheiros foi difícil no início romperem a velha rotina familiar onde tinham

durante todo o dia a esposa em casa cuidando dos afazeres domésticos e da família, e de um momento para outro passaram a sair de casa, a realizar caminhadas, ter novas amizades, inclusive do sexo oposto, e ainda fazer passeios. Mas a utilização do repasse do conteúdo dos encontros e da mudança de atitude com os parceiros (abraçando, dialogando, “comemorando” datas importantes...) fizeram com que também eles passassem a freqüentar as reuniões semanais e a apoiar a participação das suas companheiras.

A forma em que elas se lançaram e acreditaram desde o princípio no grupo foi fator de real importância, Yves fala no abrir-se à experiência como ponto de partida para à atualização, favorecendo assim para o despertar da consciência/participação, termo empregado por Freire.

Durante todo o tempo em que o grupo permaneceu formado mantivemos um convívio sadio e estabelecemos uma relação interpessoal efetiva, Freire utiliza a relação dialógica como fator importante para o despertar da consciência. Essa relação entre iguais favoreceu o vínculo e a criação de sentimento de confiança e amizade entre todas do grupo, evidenciado como fator predominante em todos os depoimentos. A maioria das mulheres do grupo, residem na comunidade há mais de dez anos, e mesmo assim muitas nem se conheciam, algumas moram na mesma rua há anos. O grupo favoreceu também esse encontro, e o início de uma amizade. Sentimentos relatados como solidão, timidez, tristeza foi substituída por expressões como: estou cheia de amigas, sou outra mulher, agora eu me cuido, estou mais liberta mais segura...

Yves refere algumas atitudes tomadas por algumas pessoas que atrapalham o processo de atualização e que foram notadas principalmente nos primeiros encontros, e já comentadas na ocasião, Paulo Freire fala da consciência ingênua como fator que dificulta a tomada de consciência, foi caracterizado principalmente nas falas das mulheres quando utilizaram gosto pelas explicações fabulosas(pg 52), pouco críticas onde podíamos notar grande conteúdo passional, a mudança, transformação ocorreu gradativamente, resultando em depoimentos críticos e pautados na grande vontade de permanecerem no grupo e continuarem o processo de crescimento que é constante.

Para melhor compreensão criei uma figura que mostra o paralelo entre as idéias de Paulo Freire e Yves Saint-Arnauld. A linha tracejada na vertical divide os dois autores, as idéias de Paulo Freire estão representadas do lado direito enquanto que Yves ao lado esquerdo. As setas de cores iguais representam as idéias que se assemelham de um e do outro autor. A linha que divide a figura ao meio na horizontal representa que no lado superior estão as atitudes que favorecem o processo de atualização e de tomada de consciência, e abaixo o seu contrário, ou seja não favorecem o crescimento.



6- CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

A oportunidade de trabalhar com famílias já era realidade em minha vida profissional, mas a oportunidade de poder trabalhar o grupo família através de um grupo de mulheres foi um momento ímpar também para minha vida pessoal.

Devido a grande convivência que tivemos durante todos esses meses, foi fácil perceber o crescimento do grupo semana após semana, detectado tanto pelas integrantes, quanto pelo depoimento dos familiares que freqüentam a UBASF. O PSF me dá essa oportunidade de entrar em contato com todos os membros da família, seja na visita domiciliar seja nas atividades desenvolvidas na própria UBASF.

Durante todos esses meses o custo financeiro para manter o grupo foi mínimo, atenuado principalmente devido à formação de parcerias que fizemos com representações políticas na comunidade e com a própria SERIII. As ações implementadas pelo próprio grupo, como as feiras de roupas usadas também favoreceram a realização da programação festiva do GEMAB. É evidente que um maior recurso nos daria chance de proporcionar mais, como, material para a ginástica(alteres, som, peso), mais passeios, visto que foi demonstrado que além de proporcionar lazer, proporciona também um maior entrosamento e crescimento grupal.

A ginástica possibilitou encontros semanais o que foi muito benéfico para o grupo, pois o convívio semanal aumentou o vínculo, provocando no grupo sentimentos de amizade ou mesmo de unidade familiar, favorecendo assim o crescimento e o alcance de objetivos. Como a maioria das integrantes comparece regularmente ao serviço de tratamento da hipertensão e diabetes na UBASF, a ginástica também estimulou a adoção de atividades físicas regulares, principalmente pela estimulação das integrantes do grupo. Depois de quase três anos de atendimento não tínhamos conseguido adesão das usuárias do serviço para adoção de atividades físicas regulares, com a formação do grupo conseguimos, e vale ressaltar que esse não era nosso objetivo inicialmente, mas se fez necessário devido às características do grupo, e esses resultados tiveram uma grande importância na continuidade do grupo, pois algumas mulheres ao adquirirem

melhora do estado mórbido passaram a confiar ainda mais no grupo e nas suas ações.

Essa metodologia poderia ser aplicada a outros segmentos da sociedade como, homens, idosos, adolescentes. Não necessariamente por enfermeira ou por profissional que trabalhe no PSF, mas por qualquer profissional que aceite envolver-se, e aprender-ensinando.

O grupo de mulheres, GEMAB, continuará apesar de encerrada a pesquisa. Politicamente falando, surgiram algumas lideranças no grupo, que agora estão fazendo parte do Conselho Local de Saúde, C.T. e G.M.R. uma jovem senhora que acompanha o grupo desde julho na realização da ginástica.

Outro fator importante que merece destaque foi a repercussão que o grupo causou na comunidade, o que antes era visto como um grupo de "velhos" ou "idosos", passou a perder esse estigma, e passou a realmente ser visto como um grupo de mulheres, não sendo aceito mais por nenhuma das integrantes essa conotação, a idéia não é evitar o uso do termo "velha" ou "idosa", mas é porque na nossa UBASF já existe um grupo de idosos e o nosso é basicamente um grupo de mulheres, e queremos ser conhecidas assim, mesmo elas se orgulhando de estarem envelhecendo.

Pessoas bem jovens já freqüentam as terças-feiras, perfazendo um total de aproximadamente sessenta pessoas. Foi incorporada também a ginástica à prática de jogos com bola, como: *voley*, carimba, e outros. No início dos encontros muitas mulheres não conseguiam completar as seqüências de exercícios, atualmente chegam a passar uma hora em movimento sem ao menos reclamarem de indisposição, ao contrário, chateiam-se ao término das atividades.

Uma das coisas que sentimos falta, e que merece importância, foi a falta de um espaço próprio para o grupo, a nossa sede, onde colocaríamos nossos avanços e conquistas, e que nos daria uma sensação maior de unidade e crescimento.

Após o término da pesquisa percebi que mesmo trabalhando com elas a independência e levando também em conta de todas já serem adultas, em muitos momentos eu as tratei e as vi como "crianças", essa atitude não favoreceu o crescimento do grupo,

mesmo que tenha favorecido o vínculo, pois muitas perceberam como carinho.

O tempo passa, a ciência evolui, evoluem também as pessoas, mas algo não muda: a necessidade do convívio, do carinho, do amor entre as pessoas. Precisamos estimular em nossos filhos coisas simples como, o amor à natureza, a paz a amizade, o respeito aos outros e a Deus, enfim...para formarmos indivíduo-famílias com o propósito único de ser saudável ser feliz, não preocupados em quem detém o poder dentro da estrutura familiar, mas quem o compartilha e o exerce em benefício do bem-estar de todos.

O sucesso do grupo e o alcance dos objetivos propostos pelo estudo,deu-se devido à fidelidade às idéias dos teóricos utilizados, aqui sintetizados:

- Valorização da cultura do grupo e do potencial humano de seus integrantes entendidos como sujeitos da ação e motivados para o auto-desenvolvimento.
- Encontro entre animadora(enfermeira) e educandas(integrantes do grupo) em uma relação heurística, calorosa onde a ampliação do campo perceptual foi característica essencial para a atualização das mesmas.
- Colocação do estímulo para emergência de necessidade estruturantes do tempo: encontros, diálogos, rituais, reuniões...
- Atenção centrada nas necessidades situacionais do grupo.
- Metodologia voltada para aquisição de relação calorosa entre o grupo e entre estes e seus familiares.

BIBLIOGRAFIA

1. ACKERMAN, NATHAN W. **Diagnóstico e tratamento das relações familiares**. Artes médicas: Porto Alegre, p. 67-77, 1986.
2. ALVES, BRANCA MOREIRA & PINTANGUY JACQUELINE. **O que é feminismo**. Coleção Primeiros Passos. Abril Cultural/ Brasiliense. São Paulo, p. 50, 1985.
3. BADINTER, E. **Um amor conquistado - O mito do amor materno**. Ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 6 ed., 1985.
4. BONATO, N. M.C. **Educação [Sexual] e sexualidade: o velado e o aparente**. [online], via INTERNET <http://www.geocities.com/Athens/Ithaca/9565/tese/INTROD.htm> 14/09/1999
5. BRANDÃO, CARLOS RODRIGO. **O que é o Método Paulo Freire**. Nova Cultura, brasiliense: São Paulo, 1985.
6. CARVALHO, M.C.B.(ORG.). **A família contemporânea em debate**. Cortez Editora: São Paulo, 1999. p. 123
7. COSTA, JURANDIR FREIRE. **Ordem médica e norma familiar**. Ed. Graal: Rio de Janeiro, 3 edição, p. 34-48, 1989.
8. DIEESE. **Equidade de Gênero nas Negociações Coletivas**. [on-line], via INTERNET: <http://www.dieese.org.br/esp/esl.out9/.htm> , 10/10/1999.
9. DUBY, GEORGE. **Idade Média, Idade dos homens-Do amor e outros ensaios**. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, p. 10-40, 1989.
10. ELSSEN, I & MARCON, S. S. **A enfermagem com um novo olhar...a necessidade de enxergar a família**. Revista família, saúde e desenvolvimento, Curitiba, v.1, n.1/2, jan/dez. 1999. p. 21-32
11. FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, p. 289, 1988.
12. FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**. V1: A vontade de saber. Graal: Rio de Janeiro, 11 ed, 1993.

13. FREIRE, P. **Educação Como Prática da Liberdade**. Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, p.158, 1994.
14. FREIRE, PAULO. **Educação e Mudança**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 80, 1979.
15. FREUD, S. **Fragmentos da análise de um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Ed. Imago: São Paulo, p. 135-238, 1972.
16. GIDDENS, A. **A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Ed. UNESP: São Paulo, 1993.
17. III FÓRUM CEARENSE SOBRE MULHERES E AIDS. **Direitos humanos**. Nov., 1998, Fortaleza, ANAIS. GAPA, 36 p.
18. KEATING, KATHLEEN. **A terapia do abraço**. Ed. Pensamento: São Paulo, 1983, 70 p.
19. LECLERQ, J. **A família**. Ed. Quadrante-São Paulo, 1972. 387p
20. MALDONADO, M.T. **Psicologia da Gravidez**. Ed. Saraiva, 14 ed: São Paulo, p. 230, 1997.
21. MARCÍLIO, M.L. (ORG). **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. Edição Loyola: São Paulo, 1993. 204p
22. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Norma Operacional Básica -SUS- 01/1996**. Brasília, 1996.
23. _____ . **As Vantagens da Municipalização da Saúde**. Brasília, 1998.
24. _____ . **Guia de Referência Para o Controle Social: Manual do Conselheiro**. Brasília, 1994.
25. _____ . **Manual Para Organização da Atenção Básica**. Brasília, 1998.
26. PAIVA, J. R. **Psicanálise Feminina - Complexo de Castração**. [on-line] , via INTERNET <http://www.sosex.he.com.br/mulher2.html> 04/11/1999
27. PEREZ, M. & ALMONTE, C. **La família como sistema- 2ª parte. Pressupuesto y dinámica de las relaciones parento- filiales**. V. 54, p. 57- 62, 1983. Revista Chilena de la Pediatría.

28. REVISTA ISTO É. **Em busca de um sexo bem melhor.** 1536 A, São Paulo, p 36- 39, set-out, 1999. Edição especial.
29. REVISTA ISTO É. **Tempo de mudança.** 1536 A, São Paulo, p 6-7, set-out, 1999. Edição especial.
30. SÁFFIOTI, H.I.B & ALMEIDA, S.S. **Violência de Gênero: poder e Impotência.** Revinter: Rio de Janeiro, p. 218, 1995.
31. SAINT- ARNAULD, YVES- **A pessoa humana.** São Paulo: ed. Loyola-1979. 154p.
32. SATER, V. **Terapia do grupo familiar. Um guia para a teoria e a técnica.** Ed. F. Alves: Rio de Janeiro, 3^a ed, 1986. 296p
33. VARELA, Z.M.V. **A Saúde Física, Mental e Social na Família in Dimensões do Cotidiano: Violência Doméstica, Saúde da Mulher e Desempenho no Trabalho.** Fortaleza: Pós-Graduação/ DENF/ UFC, p. 11- 20, 1998.
34. VARTSMAN, J. **Flexíveis e plurais. Identidade, casamento e família em circunstância pós-moderna.** Ed. Rocco: Rio de Janeiro, 1994, p 152-187.
35. WOORTMANN, KLAOS. **A família das mulheres.** Ed. Tempo Brasileiro, CNPq: Rio de Janeiro, p. 87- 148, 1987.
36. WEEKS, JEFFREY. **O Corpo e a Sexualidade in O Corpo Educado- Pedagogias da sexualidade.** Louro, G. L. Autêntica: Belo Horizonte, 37- 82, 1999.

ANEXOS

ANEXO 2

Termo de consentimento

I- Dados de identificação do sujeito da pesquisa ou responsável legal

1. NOME.....
 DOCUMENTO DE IDENTIDADE.....SEXO:M() F()
 DATA DE NASCIMENTO.../.../...
 ENDEREÇO.....BAI
 RRO.....CEP.....CIDADE.....TELEFO
 NE: ().

2. RESPONSÁVEL LEGAL.....
 GRAU DE PARENTESCO.....SEXO:M() F()
 DOCUMENTO DE IDENTIDADE.....
 DATA DO NASCIMENTO:.../.../...
 ENDEREÇO:.....
 BAIRRO.....CEP.....CIDADE.....
 TELEFONE:().

II- DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. TÍTULO DA PESQUISA: Promovendo a reflexão sobre as necessidades e atitudes de mulheres frente aos problemas comunitários e familiares
2. PESQUISADORA: Mônica Maria Vieira Cavalcante
3. CARGO/FUNÇÃO: Enfermeira
4. AVALIAÇÃO DE RISCO DA PESQUISA: Sem risco
5. DURAÇÃO DA PESQUISA: Um ano

III- REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO COMPONENTE DA PESQUISA/REPRESENTANTE SOBRE A PESQUISA, CONSIGNANDO:

1- JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA:

Formar um grupo de mulheres e trabalhar através do método de Paulo Freire: Círculo de Cultura, algumas categorias que fazem parte de seu cotidiano como: cultura, liberdade, auto-estima, sexualidade.

Tem por objetivo ainda: 1- Promover a saúde mental do grupo, através da relação heurística

2- Expandir o campo perceptual do grupo para atualização das mesmas

3- Favorecer a relação calorosa entre o grupo e seus familiares

4- Favorecer a relação solidária entre os participantes, e entre estes e suas famílias.

2- Procedimentos que serão utilizados

Utilizaremos reuniões mensais e semanais para aplicação da metodologia do Círculo de Cultura, oficinas de sensibilidade, passeios culturais.

3- Benefícios que poderão ser obtidos

Melhora da auto-estima das participantes, proporcionar lazer, transformação da consciência ingênua em consciência crítica.

IV- ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

1- Acesso a qualquer tempo às informações sobre procedimentos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para esclarecer eventuais dúvidas.

2- Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência.

3- Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade das informações obtidas.

V- OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:**VI- CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Declaro que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar do presente protocolo de pesquisa. Em caso de menor de idade, declaro que o mesmo foi devidamente esclarecido e aceita participar do presente Protocolo da Pesquisa sendo eu o responsável legal.

Fortaleza, ___ de _____ de _____.

Assinatura do sujeito da pesquisa/ responsável legal(e de menor quando possível)

Assinatura do Pesquisador

ANEXO 3

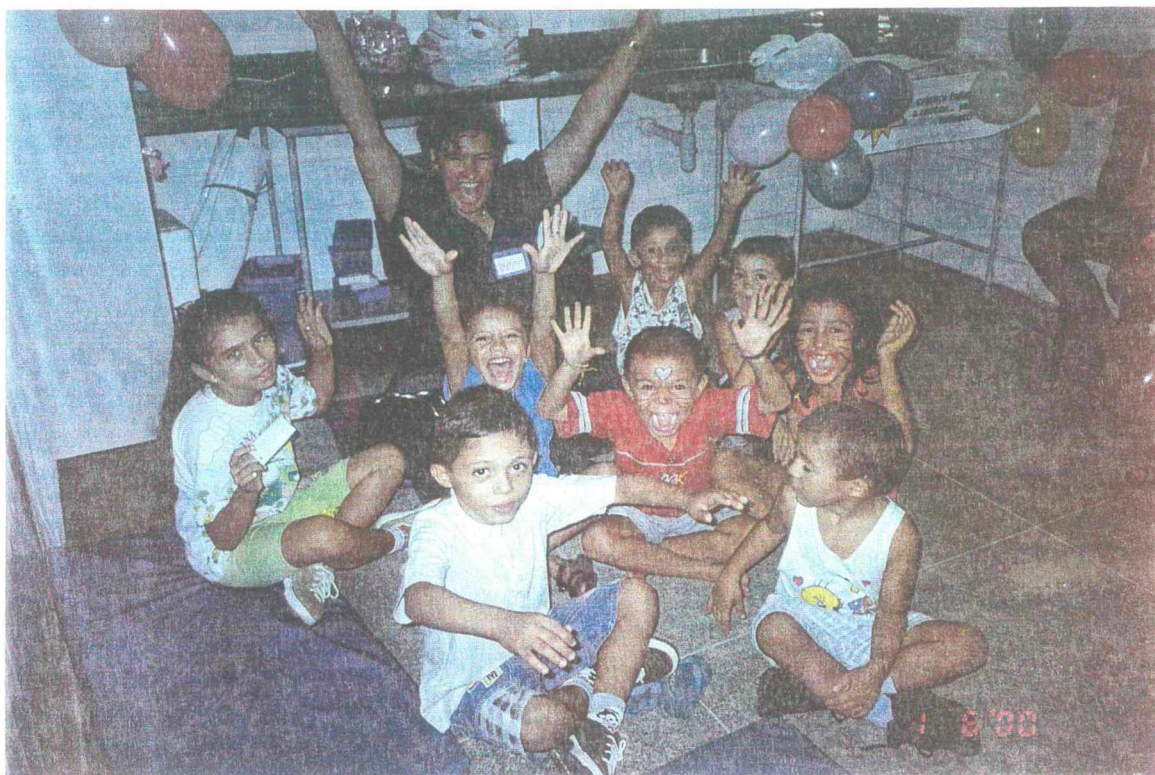


FOTO 1- “Cantinho da Alegria”- filhos e filhas das mulheres que compareceram ao I Encontro



FOTO 2- “Curso de Forró” oferecido às mulheres do encontro

ANEXO 4



FOTO 3- Profissionais cuidando dos cabelos das mulhe



FOTO 4- Manicures cuidando das mãos das participantes

ANEXO 5



FOTO 5- Limpeza de pele oferecida às participantes

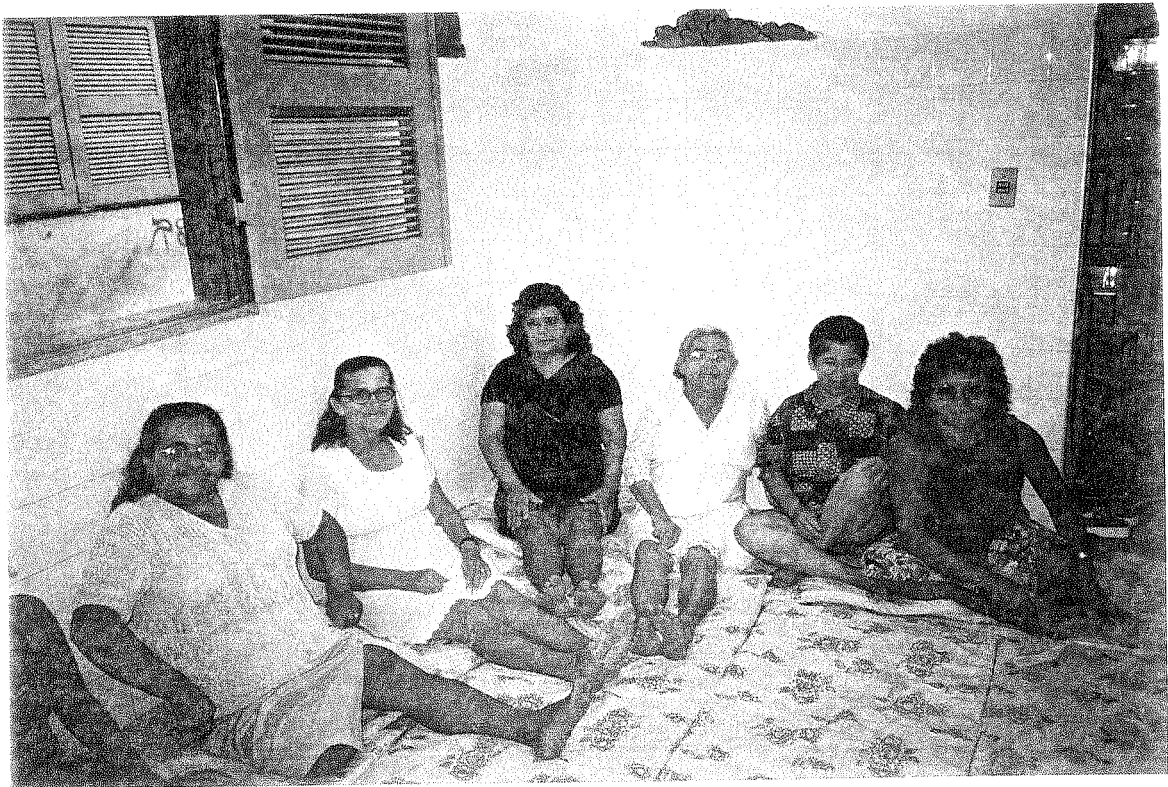


FOTO 6- Sessão de relaxamento oferecida no encontro

ANEXO 6

FOTO 7- K. O. L. foi fotografada antes de ser submetida a sessão de beleza



FOTO 8- Depois



ANEXO 7



FOTO 9- Exercícios realizados em um dos encontros semanais



FOTO 10- O forró que ocorre após os exercícios

ANEXO 8



FOTO 11- Encontro com candidato a vereador para solicitação de um ônibus para o nosso passeio.



FOTO 12- Concentração e saída para o passeio

ANEXO 9



FOTO 13- Diversão ao caminho da casa de José de Alencar



FOTO 14- A Casa de José de Alencar

ANEXO 10



FOTO 15- Catedral



FOTO 16- Mercado Central

ANEXO 11



FOTO 17- Banho de mar

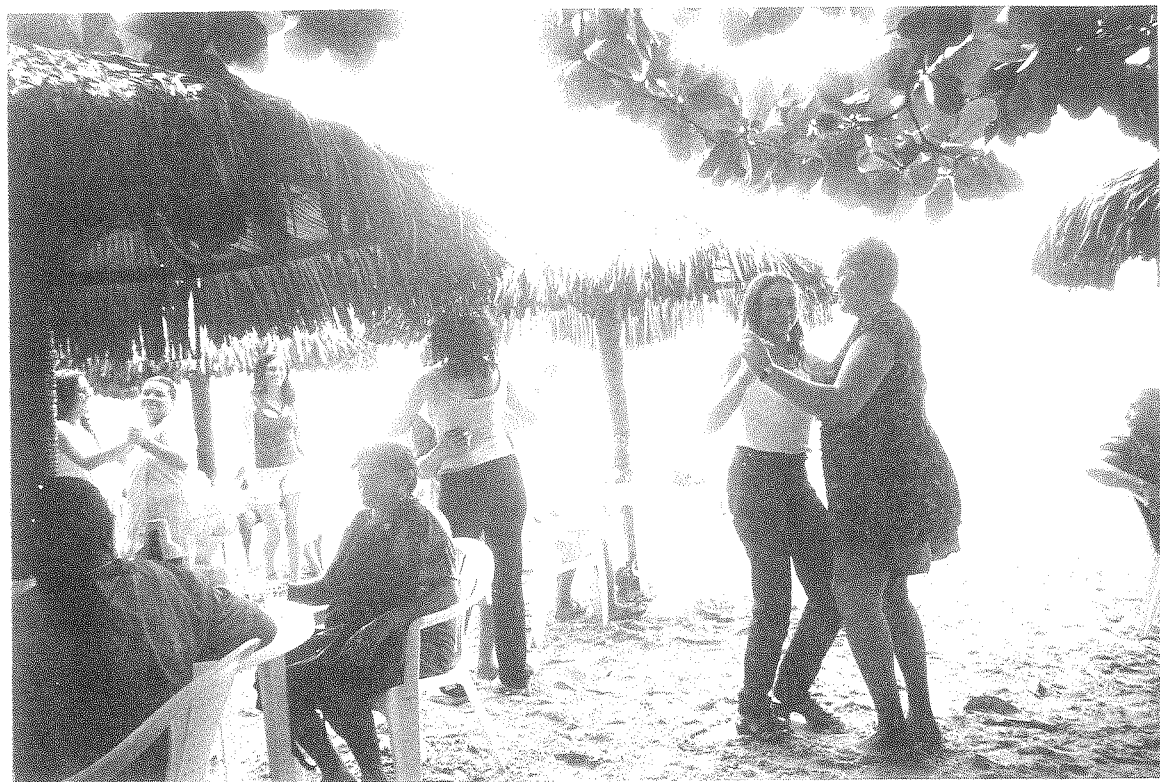


FOTO 18- Divertimento e dança na areia da praia

ANEXO 12



FOTOS 19 e 20- Feira de roupas usadas



ANEXO 13



FOTOS 21 e 22- Comemoração do NATAL

